

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1.º DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

### INTERIOR

O caso da Sorocabana é um facto consumado, encerrado no sarcóphago inviolavel das coisas que teem a suprema consagração do irremediavel; mas o extremo recurso da resignação não é incompativel com os commentarios consoladores que a chronica tem o direito de deduzir para o thezouro da experiencia e dos preciosos elementos do criterio para o julgamento dos homens e das situações, quando se instaurar a inflexivel instancia da historia.

Eminentes collegas da imprensa diaria criticaram sem paixão, com punhados de provas naturaes, brotadas dos factos, de implacaveis algarismos, demonstrando que o Estado de S. Paulo fizera excellente negocio adquirindo aquella via férrea, mas que o Thesouro da União era desfalcado em nove mil contos, realisando a transacção sob a base ouro.

Isto entrava pelos nossos olhos, leigos em tricas financeiras, como púas luminosas abrindo fendas á evidencia eloquente; e, na confusão da nossa ignorancia, teimámos, como quem procura a decifração de um enigma pittoresco, em descobrir por que, em vez de acolher o alvitre dos insuspeitos collegas cheios de auctoridade na materia, o governo optára pelo ouro, com a circumstancia aggravante de aceitar para a conversão do papel á taxa de doze dinheiros esterlinos, quando a taxa corrente no mercado cambial, attinge a quatorze, e tende a subir a casas, consideradas inabordaveis em consequencia da sabia gestão dos negocios da Republica.

Por mais que nos sedúza a opinião abalisada, impugnadora desse negocio da China, não podemos admittir que esse apparente absurdo, muito mal figurado aos inexperientes em negocios, não tenha uma justificação per-

feita, uma razão que a nossa humilde razão não apprehende, ou um motivo superior, senão para salvar a arithmetica do governo, ao menos para manter o seu zêlo administrativo na grande conta em que o temos.

Demasiado sentimentaes, experimentamos torturante vexame, quando os nossos amigos se não defendem de imputações percucientes como essa da escôlha — de base ouro e da taxa cambial inferior á persistente na praça. E não temos remedio senão o de pensarmos com os botões da nossa consciencia, bem embraguilhada em céga confiança, e entregues á doce inspiração dos affectos, que o governo, dormindo, entende mais dessas coisas de finança, do que o *Jornal do Commercio* e *A Noticia* acordados.

Ninguem nos tira da cabeça que não houvesse um motivo poderoso para esse procedimento, uma razão financeira ou uma razão de Estado, a mais persuasiva, a mais decisiva das inventadas pelo engenho dos estadistas, quando é forçoso saciar as exigencias da opinião faminta de claridade.

Vem de talho observar que os nossos governos democraticos adoptaram o muito commodo e, até certo ponto, louvavel costume de não darem explicações de seus actos á bisbilhotice impertinente da imprensa, que só tem prestigio nos paizes onde a opinião se congrega em partidos politicos capazes de guindar e arriar governos, como acontecia nos ominosos tempos da monarchia. Mas, não seria inconveniente, em casos muito especiaes, como esse da Sorocabana, caírem do alto algumas palavrinhas, dando a pédra do enigma, ao menos como ficha de consolação aos amigos attonitos, afflictos na cansada pesquisa do anhelado motivo recondito, encerrado em duras entranhas de esphinge.

Noutros tempos, o governo se encontrou, não raro, na dura contingencia de solicitar do *Jornal do Commercio*, uns substanciosos artigos de fundo,

que eram encyclicas definindo artigos de fé politica. Depois, nos primeiros passos da Republica, o governo provisório expôz, muita vez, os seus actos nas gravebundas columnas do *Diario Official*. E o povo, fôssem ou não aceitaveis as explicações, as acolhia como uma deferencia, uma prova do respeito do mandatario ao committente.

Isso, porém, passou ao rôl de velharias enfezadas. incompativeis com a presumpção de sabedoria infallivel dos governos democraticos. E ficou assente que nada é mais duramente ridiculo, nada oxída mais o esmalte do prestigio, do que essa hombridade antiga de dar mãos honradas á palmatoria da censura leal e sincéra, confessando, de bôa fé, um erro, e reparando-o nobremente.

Um governo que se preza não se deve penitenciar.

\* \*

Nós não nos conformaremos jamais com a supposição de que o governo tenha dado, de mão beijada, nove mil contos ao opulento Estado de S. Paulo, pela simples razão de lhe devermos o trabalho de ser seminario de presidentes de Republica, ou em retribuição fidalga do valioso favor de nos mandar a sua invencivel e bella brigada policial fazer acto de presença para deitar agua na efervescencia revolucionaria.

Esses nove mil contos ajuntados aos cinco mil do pródigo lance, que deu o ramo ao procurador da Republica, unico concurrente no leilão dessa complicadissima Sorocabana, para favorecer uns pobres credores, perfariam quatorze mil contos, que teriam mais fecunda e mais remuneradora applicação, empregados na construcção de uns quatrocentos kilometros de caminhos de ferro para Goyaz e outros sertões riquissimos afastados da civilização; esse dinheirão seria melhormente empregado na fertilisação definitiva da generosa terra brasileira nos trêchos, onde a sêde e a fome arreca-

dam, todos os annos, um lúgubre imposto de vidas, evitando assim que se accúse o governo de ser somitico para os pequenos, para os infelizes, e mãos rôtas para os opulentos, como se a federação fôsse uma familia de filhos e enteidos, se bem que não seja injustiça tratar desegualmente sêres deseguaes.

\*  
\*\*

Deus nos defenda de nutrir a mais ligeira suspeita sobre as correctas intenções do governo, tanto mais quanto é representado, nesse negocio da Sorocabana, por um cidadão illustre, notavel pelo seu desvelado e zeloso apêgo ao dinheiro da nação, de uma sovina-ria patriótica que lhe tem válido honrosas antipathias. Nós, como todos os seus admiradores, requereríamos, apenas, para completar os elementos de prôva, no processo da historia, não ficasse a censura campeando numa victoria apparente, sómente porque o censurado se não dignou replicar, como poderia fazel-o de modo esmagador, e para que não se allégue consentimento tacito nesse silencio irreductivel, que a palavra official poderia illuminar com fulgôres de uma evidencia empolgadora.

O governo é uma especie de sacro collegio de cardeaes, presidido por um papa: não pôde errar. E, quando as suas deliberações se figuram em conflicto com os factos, com a razão, devem os crentes murmurar, constrictos, a suprema expressão da fé incondicional, capaz de suspender o Pão de Assucar—*Credo quia absurdum*.

POJUCAN.

## REMINISCENCIAS

### O MARECHAL FLORIANO

Escôavam-se, tristonhos, os negros dias da revolta de setembro.

De quando em vez, estrugia a metralha impiedosa. O ribombo do canhão não mais amedrontava a população cariôca, afeita já ao lúgubre bombardeio.

Era eu, a esse tempo, alumno do Collegio Militar. Perdurando a revolução, o governo mandára fechalo. Abandonaram-no quasi todos os alumnos, e o Collegio se despia assim do seu mais bello ornamento: uma numerosa juventude feliz, asylada naquelle

tecto querido e abençoado, brincando e, ao mesmo tempo, trabalhando, sem sentir que nesse duplo encargo consistia o encanto melhor daquelles dias breves e risonhos da infancia.

Uns poucos, onze, si tanto, não tinhamos desbravado o caminho para o lar, e a sorte nos obrigava a ficar no immenso collegio, longe das familias e longe dos companheiros... Ah! nunca tão fundas saudades se abrigaram em corações infantis!

Onze meninos num edificio enorme, um mundo, impedidos de lhe transpôrem os muros... retidos alli, como prisioneiros, quando o aspecto marcial da cidade, o littoral em armas, a esquadra insurrecta em operações de guerra, os mil episodios da lucha horrenda, os attrahia, aguçando-lhes a insaciavel curiosidade.

Para sahirmos, inventavamos cem pretextos; muitos delles naufragavam ante a perspicacia dos officiaes. A ida ao dentista era o alvitre luminoso, e, por muito tempo, surtiu o melhor effeito.

Mostrava-se o cartão; dia e hora marcados, com multa, para os que faltassem, de vinte mil reis; dessa maneira, logravamos o melhor passapôrte, o mais seguro para nos conduzirmos ao centro da cidade. Verdadeira delicia! Percorriamos, então, o littoral guarnecido por patriotas; ouviamos, de perto, o ronco da celeberrima *Vóvó*, calibre 550; miravamos as ruinas heroicas de Willegaignon, sobre cujas construcções esborôadas, de instante a instante, o Castello, a cavalleiro sobre ella, a Lage, S. João, Santa Cruz e as baterias improvisadas nos morros, despejavam a pesada artilharia; contemplovamos as brilhantes evoluções dos cruzadores, a audacia dos encoiraçados, o heroismo de ambos os belligerantes, perdido, tristemente, entre os soluços da patria amada, malferida no grande seio hospitaleiro, pelos proprios filhos em discórdia.

Na nossa idade, era um espectaculo bellissimo; hoje, não sei como poupar ao cérebro a sua recordação, tão fundamentalmente se imprimiu nelle o horror daquellas scenas violentas. E bem quizera, já agóra, nunca as ter presenciado, tanto me horrorisa o quadro pungente, visto com outro entendimento, através um prisma de que não se apercebiam os meus treze annos.

Numa das sahidias do collegio, encaminhei-me, ligeiro, para o largo do Paço. Havia, nesse local, óculos de alcance; mediante 200 rs., o scenario da revolta, dessa maneira, ficava a poucas braçadas do observador. Ora, não tive duvidas; apeguei-me ao instrumento, e, durante largo tempo, demorei a vista sobre um encoiraçado — o *Aquidaban* — que offerencia, ao espectador, encanto monumental, indizível. Via-se-lhe a tripolação nume-

rosissima: era um formigueiro humano a mover-se na pesada ilha de aço.

Ficou-me na mente a sinistra imagem daquelle ambiente terrifico. O quadro negro que, então, defrontei, ainda hoje não se sumiu do meu cerebro. A faina contínua, absorvente, da tripolação andrajosa e suja, num constante váe-ven sobre toda a extensão do pesado navio, arriscado aos mil projectis que o ambicionavam, ás incontaveis surpresas de uma lucha sem tregoas, tudo quanto vi me pôz no coração, um sinistro temor dos homens; — pareceram-me todos máus, muito máus...

Deixei, magoadissimo, a excellente lunêta e, despreoccupado, volvi o olhar para o vasto largo deserto; mas, logo me surpreendeu, do outro lado, um bando de gente compacta, que vinha, num passo calmo, silenciosamente, percorrendo, como em procissão, aquella zona perigosa, e exposta assim, em massa, descautelosamente, a um ataque subito, inesperado, dos rebêlles.

Eram cêrca de quatro horas da tarde. O companheiro, que me seguia, buscou, commigo, atinar com a origem do agrupamento incolôr, silencioso, movendo-se, lento, pelo littoral, ao alcance das balas inimigas.

Em vão, as nossas pesquisas, completamente em vão.

Mas, não podiamos abandonar a multidão; si aquillo ainda não era alguma coisa, havia de sê-lo... e, impellidos por bem justa curiosidade, aggregámo-nos ao povaréu, cujo andar seguimos, na mesma cadencia moderada. A um dos circumstantes, indagámos o motivo do ajuntamento. Não nos respondeu; talvez, como nós, o desconhecêsse. O silencio geral impressionava-me; ninguem se abalçava a proferir palavra. Mas, não podia ser contida a minha sôffrega curiosidade: dirigi-me a outro typo, e este, sem mais aquella, sem dizer patavina, apontou, num movimento ligeiro, com o dedo, para outro individuo que caminhava na frente, coberta a cabeça com um amplo chapéo de palha preta, trazendo, na mão, uma bengala simples, vestindo terno de frack azul, e tendo, meio pendente do bolso de detrás, um lenço branco.

Suppúz, no primeiro instante, que lhe houvêssem prégado um *rabo*; mas, em pouco tempo, verifiquei de que se tratava, atinando com o mysterio que nos envolvia: aquelle homem, singularmente feio, seguido de tantos curiosos, era — nada mais, nada menos — o marechal Floriano Peixoto.

Nunca o vira até então.

Bem diverso o imaginava; não o podia conceber tão feio, á paisana, com um tão grande chapéo, e tão des-cuidado... Mas, o cabôclo era sympathico.

Acompanhei-o. Em breve, desembocavamos, pela travessa da Natividade, proximo á Camara dos deputados, na rua da Misericórdia. Nunca me mettêra por aquellas bibócas estreitas.

De repente, parou o marechal.

A multidão parou tambem. Eu, fardado, com o meu uniforme luzidío, tambem parei. Dahi a pouco, o marechal de Ferro fazia-me, com o indicador, um gesto, chamando-me.

Com a mão na pala do bonet, encaminhei-me para elle.

Acariciou-me. Perguntou-me que fazia; disse-lhe, em resposta, commovido, qualquer coisa.

Todos olhavam para mim; sentia-me seriamente enfiado.

Em pouco tempo, desaparecêra toda a minha commoção; o marechal entablára um diálogo interminavel, perguntando-me de quem era filho, que tal a *boia* do Collegio, si eramos bem tratados; emfim, uma infinidade de perguntas minuciosas....

Muitos homens pungidos ao pêso de menores responsabilidades, sem transpôrem asperrima quadra de lucta de exterminio, cujo alvo principal era a propria pessoa, não esqueceriam, por um instante, os gravissimos encargos de tão sinistra e perigosa situação, para estabelecer uma conversa innocente, tão alheia ás grandes preocupações do momento, com uma creança, cuja curiosidade, naturalmente percebida pelo marechal, elle quiz deixar amplamente satisfeita.

Mezes depois, justamente a 14 de março de 1894, dia bellissimo, eu estava novamente, ao lado do vice-presidente da Republica, seguido de varias pessoas, (o general Cunha Junior era uma dellas) numa lancha, que nos trazia de bórdo dos navios da esquadra legal, ancorada, na véspera, na Guanabára.

Vi-o, então, o mesmo homem imperturbavel; todavia, naquella data, era elle o vencedor absoluto da revolta de setembro — o homem de maior prestigio no Brazil — podendo, dado o seu valor, sem egual na nossa historia politica, mudar, num rapido aceno da sua vontade omnipotente, o destino á mais vigorosa e á mais pujante nacionalidade sul-americana. Veremos, noutra artigo, o desdobrar das grandes peripécias do dia 14: a sahida heroica das destemidas corvêtas portuguezas tomando a si a humanitaria emprêsa de acolher, no seu bôjo, os vencidos da guerra civil; o aspecto do cruzador *Nictheroy*; o encontro, nesse navio, dos alumnos da Escola Militar com o marechal Floriano; a passagem da esquadra americana ante a esquadra legal, em contraste vivissimo, uma e outra, em todos os pontos de vista; e, entre outros incidentes, os *hurrah* trocados entre marinheiros americanos do *Nictheroy* e seus compatriotas da esquadra

*yankee*, em meio o silencio expressivo da tripolação brasileira.

BENTO DA GAMA

## PHYSIOLOGIA DA DEMOCRACIA

As phases da transformação democratica são simples e seguras. Imposto por uma desapiedade rivalidade, o tom das vociferações tornar-se-á cada vez mais furioso; as occasiões de irritação, os incidentes perigosos, as chicanas mesquinhas serão sempre mais dramaticas, por causa do vácuo e da desordem do espirito publico. Os ciúmes e as disposições xenóphobas, as luctas aduaneiras, as offensas commerciaes, as obstrucções ruinosas, estupidas e exasperadoras, que a ninguem aproveitam, contribuirão para a permanencia dessas animosidades sem as saciar completamente. Os politicos do futuro arrastaram, á porfia, uns aos outros para a beira do abysmo, onde não querem precipitar-se, mas são por sua propria natureza, obrigados a obedecer ao declive, e porque tomar outra direcção importaria em compromettimento, em perda do poder. Consequentemente, o desenvolvimento final do systema democratico, quanto ás suas forças intrinsecas, não será mais a preponderancia do *boss* que a dos *trusts* ou do jornal: não haverá, em summa, preponderancia, mas rivalidade, concurrencias, exasperação e hostilidade entre as nações e, por fim, o estabelecimento definitivo da supremacia irresistivel, esmagadora do mais austero e do mais educador dos amos: a guerra.

Aqui se offerece uma senda tentadora, ao longo da qual os precedentes historicos, como uma floresta de póstes indicadores, nos convidam a seguir. No limite de perspectiva, se ergue a figura de Napoleão com a legenda — Cesarismo—inscripta no pedestal.

Deixando, momentaneamente, á parte, certas considerações estrangeiras, e suppondo que a democracia attinja á conclusão prevista, verificamos que, no caso do nosso Estado generalizado, a machina politica, com a nação, cuja conducta lhe é confiada, será necessariamente forçada a uma guerra nacional apaixonada; mas, depois de estribuchar nos combates, essa machina se figurará ter realisado o seu destino.

Um governo de partido politico ou um governo popular, como o espirito do homem possa inventar, mirando, exclusivamente, esse fim, tráz em si os germens da guerra e de extraordinaria desordem, não estando organizado para se desempenhar dellas com victoria. Um governo electivo do governo moderno não póde ser guiado por desígnios de longo alcance: é construido

para obter o poder, conserval-o e nada fazer, sendo as condições de sua duração manter muito elevadas as apparencias e muito baixos os impostos. A preocupação de organizar e manter o exercito e a marinha, estão absolutamente além de suas capacidades.

As profissões militar e naval, nesse Estado moderno, substituirão, em grande parte, na tradição: em vez de dirigil-as, o governo as entorpecerá; e nada, nenhuma força agirá para evitar a influencia corruptora de uma longa paz; não organizará manobras apropriadas, nem proporcionará a adaptação adequada do material inutilisado a condições novas e, continuamente, mudadas e transformadas. Permittir-se-á a personagens incompetentes, mas presumpçosos e energicos e possuindo certa influencia politica, a superintendencia dos diversos serviços; inventar-se-ão artificios para que, em tempo de paz, o equipamento produza uma impressão terrivel no animo da massa que vóta; mas, os soldados, de facto capazes, desertarão desse exercito, ou serão delle expulsos, quer como, politicamente, despreziveis, quer como innovadores importunos muito preocupados em gastar dinheiro em frivolidades.

Assim preparada, a nova democracia embarafustará na guerra, e a primeira phase desse proximo conflicto terminará pelo desmoronamento catastrophico dos exercitos permanentes: será a vergonha a derrota e uma desordem louca entre massas, mais ou menos sortidas de pessoas aterrorisadas, tomadas de panico furioso. É a natureza especial do conflicto que decidirá se a guerra terá o valor de um accidente assustador e suggestivo ou se elevará ás dimensões de um desastre universal, sendo, todavia, certo que toda a guerra importante será, para o Estado moderno democratico, uma experiencia terrivel, medonha, que abalará as constituições e dará aos povos uma dura, uma severa lição.

Prevista essa possibilidade, é facil dar na pista do precedente napoleonico. Prediz-se, pressurosamente, que sob a opprimente necessidade da guerra, ou na hora fatal da derrota, um *homem* surgirá, forte na acção, brutal e acêrbo, bello e, continuamente, victorioso. Esse filho da occasião supprimirá os parlamentos; emmudecerá os demagogos; conduzirá a nação ao triumpho e á gloria, reconstituindo-a em um imperio que será mantido com a circulação do seu perfil nas moedas, nas medalhas, nos escúdos e organizará outras victorias. Conforme vistas occasionaes de antecipações contemporaneas, codificará tudo, removerá o papado decrépito, ou, pelo menos, reanimará o christianismo; organizará, com mesquinhas personalidades, scenaculos scientificos minusculos, intrigantes

tes e prescreverá um maravilhoso systema de educação. As nações reconhecidas deificaram, uma vez mais, um egoismo aggressivo e feliz. E aqui a visão se desfaz.

Nada disso acontecerá, ou toda a enscenação não passará de um intermédio, um incidente sem importancia no progresso geral do drama humano. O mundo não será contribuido por um déspota do acaso, assim como uma cidade não pôde ser illuminada com os foguêtes de um fogo de artificio. As intenções do destino se desenham sobre acontecimentos consideraveis, e passou a época das dictaduras individuaes. Falsas analogias e falsos precedentes levam a predizer o dominio de um chefe militar, de uma paródia de Cesar, como foi Napoleão I, que embarafustou, campeão rapidamente futilisado, no xadrez do mundo. Vaticinios erroneos por ignorarem duas coisas correlativas: o constante desenvolvimento de uma classe instruida, que não existia outr'ora, uma especie de corollário da expansão da sciencia e da mechanic, e a revolução que estas hão de operar nas artes da guerra, que teve, no passado, um character muito differente do que terá com os apparatus do futuro. Foi theatral, dramatica, emocionante e restricta; será, no futuro, muito differente; era feita de combates e heroismos; as batalhas e campanhas dependiam de um grande capitão a cavallo, pittorescamente se destacando no céu, ordenando e dirigindo tudo. No futuro, a guerra será uma questão de preparo, de longos annos de previdencia e de imaginação disciplinada; não haverá victoria decisiva, mas um conflicto disseminado, espalhado por toda a parte; cada vez menos, ella dependerá de chefes autocraticos e de emoções empolgantes, e cada vez mais da intelligencia e das qualidades pessoas de um grande numero de homens habeis.

Tornar-se-á, então, evidente que, antes ou depois, em todo o caso no momento da guerra, e talvez de súbito, as entrosagens do poder são impelidas por uma nova classe de pessoas intelligentes e scientificamente educadas.

No meio das difficuldades occasionadas pelo estado da guerra, se perceberá, provavelmente com surpresa, que esses possuem as cidades, os meios de transporte, os caminhos, os ferro-carris, os canaes e os aqueductos, os recursos e provisões de toda a ordem, viveres, agua, electricidade, uma artilheria e apparatus de destruição e de intimidación dos quaes não suspeitavamos a existencia. Esses homens se capacitarão de uma cruenta e commum consciencia de si mesmos, a qual os destacará da massa incolôr, um fim e aspirações solidarias que a analyse audaciosa da sciencia começa a pôr em

evidencia. Achar-se-ão ante uma perspectiva de desastres horriveis, de effusão de sangue, e estará nas suas mãos perpetrar, ou não, essas abominações.

Elles dirão: «supponhamos que, afinal de contas, não façamos caso dos faustosos e eloquentissimos personagens que governam lá emcima, como dessa multidão confusa e impotente que está lá embaixo; suponhamos que agóra sejamos os freios, e que procuremos alguma coisa mais estavel e mais logica. Esses homens do poder teem, naturalmente preceitos e direitos estabelecidos; confeccionaram as leis de accôrdo com os seus designios, e a Constituição nos ignóra; elles teem a mão a justiça; domesticaram a imprensa, pôdem ter quanto querem; mas, não pôdem evitar o desmoronamento. Nós, por nossa vez, dispoemos desses apparatus subtis e muito engenhosos. Supponhamos que, em vez de arriscar esses admiraveis apparatus e as nossas pessoas preciosas em uma rixa de insensatos, os ponhamos ao serviço de uma razão mais elevada e desobstruamos as ruas desses vociferadores guerreiros...»

E' possivel que a expressão dessa idéa se faça sem ruido, que, sem collição, o novo cromwelismo e os novos «Castellos de ferro» sejam acolhidos com palavras pomposas, lisonjeiras, bandeiras e fanfarras: seja como fôr, ella será externada e determinará actos positivos. Aquillo que não passa, agóra, de uma opinião consoladora, se tornará evidente: que a riqueza não é uma potencia final, mas uma influencia agindo sobre o rebanho da multidão irresoluta guardada pela policia.

Em quanto reinar a paz, a classe dos homens capazes poderá ser mantida pelo freio, amordaçada, dominada, e a direcção dos negocios e do actual estado de coisas ficará nas mãos dessa outra classe que trafica com as apparencias. Mas, assim como, em chimica, uma solução supersaturada crystallizará se se agitar o recipiente que a contém, do mesmo modo a nova classe de homens se organizará com os abálos da guerra, a unica e terrivel coisa a que os charlatães não resistem, obrigando-os, inexoravelmente, a se agarrarem ao *chauvinismo* e ás suas violencias, á hostilidade internacional, os quaes constituem a força que os sustenta.

Do exposto se conclúe que, na desordem de uma revolução ou, pacifica e lentamente, essa confusão incolôr, que é a democracia, deve, por suas condições essenciaes, desaparecer como um crepúsculo; e, assim como a confusão embryonaria da crysalida se metamorphosêa em um organismo mais perfeito, essa democracia será mãe do Estado mundial do futuro.

H. G. WELLS.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A BATATA DO URUGUAY

Tem causado verdadeira sensação, entre agricultores profissionaes ou simples amadores europeus, a descoberta de uma nova especie de batata, denominada batata do Uruguay, possuindo extraordinarias qualidades.

De accôrdo com varias communicações dirigidas á Sociedade Nacional de Agricultura de França, e á Academia de Sciencias, ella se caracteriza pela producção fabulosa, susceptivel de attingir, nos terrenos humidos de sua predilecção, 80.000, 90.000 e 100.000 kilogrammas por hectar, em tubérculos de 1.500 a 1.600 grammas, ao principio extravagantes, de aspecto torturado como raizes de mandrágora, tendendo depois a tomarem a fôrma definitiva regular, ovóide ou semi espherica, das batatas vulgares, tendo a propriedade de crescer sob o sólo ou ao ar livre.

A sua vegetação é exuberante e suffóca, sob densa sombra, as plantas estranhas. Os cipós gigantes, de 3 a 4 metros de extensão, enterrados, produzem immediatamente novos tubérculos, de sorte que essa planta se reproduz automaticamente em ininterrupto rendimento.

O sabôr dessa batata, rica em fécula na razão de 17%, é delicioso, sendo, além dessas propriedades excepcionaes, refractaria ás molestias cryptogamicas, que dizimam suas congêneres, e de uma bella côr violêta.

Quanto á physiologia, ella provém, por filiação directa e legitima, de uma pequena batata selvagem — *solanum commersonii*, da America do Sul, e brotando, espontaneamente, nos alagadiços. De uma destas, um proprietario de Vienna viu, com surpresa, nascerem trez variedades, uma amarella, outra rósea mal fixada e a violêta. E fôram necessarios apenas trez annos para operar essa metamorphose tão completa que suscitou a suspeita de não se tratar de uma variedade, mas de uma especie vegetal inédita.

Referindo o facto, mr. Emile Gautier accentúa que todas as plantas, como todos os seres vivos, tendem, naturalmente, a variar sob a influencia de circumstancias diversas, externas ou internas, as quaes, sob a acção modificadora do homem, pôdem ser artificial e systematicamente provocadas, como succedeu com a maior parte das plantas cultivadas, alimentares, textis, ornamentaes, derivadas todas de especies selvagens. Mas, ninguem previra ainda que uma simples mudança de clima e canteiro, auxiliada com precauções culturaes vulgares, pudéssem determinar, em algumas estações, uma tão radical e vantajosa transformação.

Essa variação, de algum modo explosiva, justifica as theorias do illustre botânico hollandez, Vries, sobre o phenomeno que elle chama progresso espasmódico, em contraste com a lenta evolução de Darwin. E para a generalisação de prodigios eguaes ás modificações da batata do Uruguay, não são necessarias revelações novas, nem meios extraordinarios: bastam os conhecimentos e recúrsos actuaes para conseguir transformações que o progresso tornará mais faceis, menos custosas e mais remuneradoras.

O problema se redúz a estudar, a experimentar todas as causas suceptiveis de provocarem, de fornecerem as variações naturaes, a agrupar systematicamente todas as influencias modificadoras, a luz, o calor, a electricidade, a hygrometria, a composição do sólo, a hybridação, a selecção das sementes, os fermentos, etc, de maneira a realisar, com a sua collaboraçoão disciplinada, em sentido preconcebido, o maximo e o optimo das condições vitaes. Basta isso para fabricarmos, nos nossos jardins, campos e vergéis, assucar, amido, óleo, alcool, cellulose, como se fabrica assucar ou acido sulphurico, e transformarmos explorações agricolas em manufacturas ao ar livre, nas quaes, cada haste representando uma bobina, um aparelho, tudo será previsto, calculado a pezo e medida. Foi assim que se aperfeçoaram as colheitas de beterrába, em quantidade e qualidade, ao ponto de se poder determinar, com precisão, o rendimento por héctar, o pezo e a quantidade de assucar; pelos mesmos processos, — escólha do terreno, das sementes, dos estrumes chimicos, — se obtiveram novas especies de trigo, características pela abundancia das espigas, riqueza de gluten no grão e maior resistencia; pelos mesmos processos, os horticultores conseguiram fabricar orchidéas, rósas, tulipas, chrysantemos, dhalias, variando-lhes, infinitamente, a côr e o desenho, ou transformando flôres em comestiveis, como acontece no Japão, onde os chrysantemos se comem em salada; foi, finalmente, por esses meios artificiaes prodigiosos, que os celebres agronomos americanos Cyril Hopkins e A. O. Shamel, tão populares quanto Edison, conseguiram governar systematicamente a cultura do milho, regulando á vontade sua composição chimica, forçando-lhe o producto em assucar, em proteíma, em materia gorda, alongando ou diminuindo as espigas e as fôlhas, resultando dessa cultura artificial um augmento de valor na proporção de 450 milhões de dollars.

Esses prodigios indicam proxima a hora em que a industrialisação scientifica da agricultura será a suprema preocupação dos povos civilisados.

#### A HULHA BRANCA

Tratando-se da utilização de forças hydraulicas de que é fartamente dotado o nosso territorio, é opportuna a estatistica dos progressos desse poderoso instrumento da industria universal, do qual já nos occupámos quando nos referimos ás maravilhosas cataractas do Iguassú.

Campbell Swinton fez, nesse sentido, preciosas indicações á Associação Britannica de Cambridge, calculando a força das quedas d'agua, empregadas na producção de correntes electricas, nos principaes paizes do mundo, em cêrca de um milhão e meio de cavallos, distribuidos assim:

Estados Unidos .	527.000	cavallos
Canadá ..	228.000	»
Italia . . .	210.000	»
França ..	162.000	»
Suissa ....	133.000	»
Allemanha ..	81.000	»
Suecia .. ..	71.000	»
Mexico.. . . .	18.000	»
Austria... . .	16.000	»
Gran-Bretanha ..	12.000	»
Russia . . . .	10.000	»
India ..	7.000	»
Japão.. . . .	3.500	»
Africa Austral.....	2.000	»
Venezuela ..	1.200	»
Brazil.. .. .	800	»

Os ultimos algarismos, relativos á Venezuela e ao Brazil, indicam simples tentativas inciaes, porque, nestes paizes, a industria dispõe, para o seu desenvolvimento, de maravilhosos depositos hydraulicos da cordilheira dos Andes e das quedas dos maiores rios do mundo, como no Brazil, em todas as zonas do territorio, ao norte, no interior e no sul, regado pelas formidaveis massas d'agua do Amazonas e seus affluentes, e do Rio da Prata, inexgotaveis depositos de força, até hoje desaproveitados.

\* \* \*

#### CATAGLOTISMO

Mr. Debove, decáno da Faculdade de Medicina de Pariz, fez á Academia, na sessão de 27 de dezembro ultimo, uma referencia interessante ao curioso trabalho do dr. Marcel Baudoin, intitulado — *Maraichinage*, estudando um singular costume, praticado em todo o littoral da Vendéa, e destinado a favorecer os casamentos, combatendo o despovôamento do territorio.

Não dispomos de periphrases sufficientes para descrever esse processo, evitando-lhe as escabrosidades, denunciadas pela decomposição do nome que a sciencia lhe deu — *cataglotismo* — que

se fórma de duas palavras gregas — o prefixo *cata*, em baixo, e *glotis*, lingua, de cuja junção se advinha qualquer mutilação, intervenção cirurgica, semelhantes á circumscisão.

\* \* \*

#### ARTE DE FABRICAR ESPADAS

Está perdida a exquesita arte dos armeiros orientaes. Não se fabricam mais as genuinas laminas de Damasco, as cimitarras, os alfanges famosos pela témpera, pela riqueza dos ricos lavôres dos punhos, dos cópos, das bainhas, cheias de incrustações preciosas.

Os japonezes eram mestres na fabricação de armas brancas. Fala-se, ainda hoje, de uma lamina célebre composta de 4.194.304 camadas de aço, e tão polida que as mais finas pastas de lustrar europeas a arranhavam.

Dessa arte de fabricar armas, geralmente se apreciam as bellezas das bainhas, dos aparelhos exteriores, sumptuosos, uma espada não passa de um instrumento de aço para cortar.

Mas, um armeiro japonéz forjava uma espada, como quem executa um ritual sagrado. O metal era tratado cuidadosamente, com aparelhos especiaes para cada operação, era temperado por meio de processos subtis e secrétos, como confidencias de deuses, empregando methodos carissimos de fixar no metal maravilhosos effeitos de colorido que os mais habéis artistas europeus jamais puderam imitar.

Contam-se coriosas lendas desses velhos armeiros japonezes. Massa-Meone, habil ferreiro do XIV seculo, deixava cair um cabello ou um bago de feijão secco sobre o gume de uma das suas espadas que os cortavam ou, mergulhando a lamina num arroio, partia ao meio um pedacinho de papel, uma pétala de flôr que a torrente conduzisse de encontro a ella. Mura-Masa forjava espadas ao grito de — *Tenkaitaira* — guerra ao homem — e as caldeava no sangue quente de uma victima humana. Isto inspirava ao aço uma tão insaciavel sêde que elle atravessaria o ferro como um melão, em busca de vidas. Guardadas, durante muito tempo, nas bainhas, essas espadas transmitiam aos seus possuidores um violento desejo de matar e, desenhadas por divertimento, feriam os dêdos dos imprudentes que as manejavam. E tão terrivel era o córte dessas espadas que o seu uso foi prohibido por um dos Tokugawa Shoguns.

Os artistas inferiores se contentavam com fabricar espadas que traspasavam apenas moédas de cóbre ou de bronze, armas, certamente, ridiculas comparadas com as maravilhosas laminas que cortavam um cabello, ou dividiam ao meio um fio de sêda impel-

lidos por suave brisa, e penetravam sem móssa, como num queijo, o ferro e o aço.

Mas, essa idade de ouro dos armadores lendarios passou, e seus netos fabricam, hoje, inimitaveis carabinas.

—  
—  
**O ALMIRANTE** (16)  
—

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

—  
—  
CAPITULO X

A marquezia de Uberaba occultára aos seus amigos, o lamentavel estado dos seus nervos combalidos; mas, o soffrimento, em progressiva aggravação, chegára á crise, em que surge a necessidade das confidencias consoladoras, dos queixúmes, exagerados em narrativas minuciosas, como se a piedade alheia o pudesse attenuar com dôces meios suasorios, tanto é verdade que sóffre o duplo, quem padece em silencio.

Sabendo que ella estava disposta a procurar os conselhos medicos de algum professional celebre, Dolôres foi visital-a, offerecer-lhe o auxilio de amiga dedicada, com muita experiencia em acháques femininos.

Depois de ouvir as queixas da marquezia, estendida languidamente, em voluptuoso abandono do corpo, nitidamente modelado nas dobras de um leve traje matinal, num divam de cordovão negro, entrou Dolôres a fazer a critica dos medicos illustres, na maioria uns charlatães de fama injustificavel, ao passo que os de incontestavel merito não eram falados; realisavam, modestamente, verdadeiros prodigios de curas que não iam para os jornaes em agradecimentos encommendados ou extorquidos aos doentes. Na sua opinião, confirmada por muitos casos, só havia na Côrte um medico, um verdadeiro homem de sciencia, exercendo o seu officio como um sacerdocio, capaz de resolver aquelle caso, que não tinha gravidade, mas não deixava de ser uma tortura, como todas essas insignificantes molestias, ás quaes a gente se habitúa, e pôdem, todavia, provocar, com o tempo e o desprezo, sérias perturbações.

— E' uma pena — dizia ella — que este admiravel corpo de estatua, esteja a soffrer, pela falta de resolução para procurar o allivio infallivel. A senhora tem fébras de jovem; sente-se-lhe ainda muito vigor nesses olhos que impressionam até a nós outras mulheres; nesses musculos que vibram com seiva; e essas dôres, esses sonhos, não passam de um protesto contra a viuvez immerecida, que é um verdadeiro martyrio. Conheci uma amiga, que ficou reduzida a um estado lamen-

tavel por causa desse excésso de virtude que se impõe á nossa fraqueza, com o fim de nos transformarmos em santas para a sociedade despotica. Um medico, meu amigo, lhe restituirá, facilmente, sem drogas intragaveis, a preciosa saúde.

Experimente, querida marquezia, e convencer-se-á do que lhe affirmo. Eu estava sendo tratada por um homœopatha, porque, apesar da prevenção contra os remedios *aguinhas*, elles fazem curas milagrosas; mas, aconselhada por uma amiga, fui consultar com o dr. Valente, sem que o Dádá soubesse. Não imagina como aquella figurinha de marido é ciumento. Se o consultásse, não consentiria; vinha o céu abaixo com mil observações e caturrices. Não sei porque quasi todos os maridos teem horror áquelle sabio medico. Fechei ouvidos aos preconceitos e fui á fonte do allivio. Ah! minha amiga! Que bello homem, que maneiras delicadas, fidalgas, encantadoras. Todo elle transpira *sympathia* irresistivel... E' pena que a voz seja um tanto áspera e arrastada. Os olhos brilham, como carvões acêsos, são fascinadores, parece que nos vêem por dentro...

—Mas... que molestia soffria? — atalhou a marquezia...

—Eu, além dessa maldita enxaquêca, nada.

—Não era difficil a cura. Vivia, (aqui para nós) horrorizada com a idéa de ter filhos.... Meus partos eram lances horriveis, perigosos. Fôram trez, e deu-me Deus trez bellas meninas, que estão agóra com mamãe... Era horrivel o trabalho de creal-as, a canceira com as amas de leite me tirava a paciencia. Eu não posso amamental-os... Sou muito anemica. Depois, a uma senhora de sociedade prejudicam muitos cuidados com os filhos, que lhes sùgam a belleza, os encantos...

—Oh! Dolôres!...

A marquezia ouvia, horrorizada, as revelações da esposa do dr. Adeodato.

—Que tem? Só as mulheres ordinarias e vulgares não se preocupam com isso. Está, hoje, assentado que a gente tem o direito de ter os filhos que quizer, que puder crear e educar. Ha muita miséria por ahi, occosionada pela incontinencia das mulheres... que parem como cadéllas. Imagine a nossa triste situação: o Dádá desempregado, esperando a comarca; nós, consumindo com as nossas relações, a nossa posição social, o pouquinho que temos, os auxilios que mamãe nos manda, e eu a ter filhos... uns sobre outros.., porque um marido desoccupado... Não, não era possivel continuar esse desarranjo da nossa vida. Para mim, cada filho que nascia era uma pedra que me amarravam ao pescôço, tolhendo-me os movimentos, arrastando-me ao

fundo desse mar de enganos e *illusões* que é a vida, e no qual fluctuamos. É o martyrio da gravidêz, esse soffrimento implacavel, medido mez a mez, num processo de deformação estúpida?!... Eu, então, que fico horrivel, mesmo uma sapa, não tenho coragem de olhar para o espelho. Dou para cuspir e aborrêço o pobre Dádá que, com a sua amabilidade, os seus carinhos de pae victorioso, me irrita... causa-me náuseas... Ah! minha querida! São nove mezes de reclusão na fazenda de mamãe... Não appareço a ninguem... Uma amiga, senhora de um medico homœopatha, auxiliado na clinica pelo espirito de Torres Homem, ensinou-me uma injecção; mas... nunca tive coragem de matar os pobresinhos que não tinham culpa... como (isto fica entre nós) a baroneza de Freixo, que é useira e vezeira desse meio de libertação... O marido, coitado! ignóratudo, e tem gasto inutilmente sommas fabulosas para curar a esterilidade da mulher, porque daria tudo para ter um filho, herdeiro da fortuna adquirida no infame commercio de pretos.

—E não desconfia? Os medicos não lhe revêlam a causa, essa barbaridade atróz?...

—Os medicos diagnosticam pelos *sympthomas* que ella inventa. E' uma refinada velháca com aquellas maneiras dengosas de ingenua. A senhora não calcula quem está alli, naquella figura de bonéca desengonçada... Fala-se muito della... É verdade que ha muita calunnia, muita lingua venenosa que não poupa as mais virtuosas senhoras: não ha mulher honesta que esteja na Côrte, livre dessa protérvia vil: basta a gente apparecer, sobresaír pela elegancia, pela graça, pela formosura... Olhe: eu vivo a medir os meus passos para não ser victima das más linguas do vulgo e dos mexericos das nossas amigas invejosas. Mas... como ia dizendo: a baroneza parece que não se deu muito bem com o remedio, e está disposta a consultar o dr. Valente. Ao principio, pôz-se com luxos e escrúpulos; mas cedeu, a conselho meu... e vae empregar os meios decisivos, o invento do extraordinario medico, uma gloria do Brazil, a providencia das senhoras elegantes.

—Esse homem é um criminoso.

—E' o que assoalham os collegas despeitados, os especialistas abandonados pela clientéla, uns ineptos, de idéas atrasadas, carrancistas e ignorantes, que só curam com os ferros, com as operações barbaras. O dr. Valente é humanitario; é inimigo do derramamento de sangue, das mutilações que aleijam a gente para sempre, ou deixam estragos irremediaveis. Elle, não: apenas emprega o remedio maravilhoso, o methodo approved pela mais eminente das nossas summi-

dades scientificas. O systema delle é perfeitamente legal e moral como conservador e preventivo... O Dádá damna quando lhe digo isso. E' a tal birra estúpida contra aquelle grande homem. Parece que se comprazem com o soffrimento que coube, em partilha, ás pobres mulheres... Nós, todas, devemos infinita gratidão ao sabio medico que nos absolve da condemnação, por Deus infligida a Eva no Paraiso. Onde está o crime?... No seu caso, por exemplo: a senhora está soffrendo, já consultou os mais afamados especialistas; que lhe disseram elles?

— Que não me impressionásse... que era victima de uma crise natural, passageira. Receitaram-me codeína, calmantes para os meus nervos demasiado vibrates e muito abalados por excésso de preocupações... Aconselharam-me viagens, divertimentos, regimen de repouso mental, que sei eu? palliativos que me não alliviam a dôr de cabeça, as palpitações e esse máu estar geral que não sei explicar...

— E' o que lhe digo, querida marquezeta: não sabem, não conhecem a molestia; andam ás apalpadéllas, e os doentes que se resignem... Ora, o que nós procuramos na sciencia é a cura do que é curavel, ou o allivio e a consolação quando não ha remedio. Se os seus soffrimentos, na opinião dos seus medicos, não inspiram cuidados, é porque são curaveis; logo, não ha crime, não ha peccado, é, pelo contrario, muito natural e até um dever, procurar quem a cure daquillo que para os outros não tem outro remedio, senão o de esperar, soffrendo, pela acção da natureza. Depois que mal havia em experimentar? A senhora consulta-o; tem intelligencia bastante lúcida para julgar os meios que elle lhe propuzer. E deve consultal-o emquanto é tempo. Conheci uma senhora, precisamente nas suas condições: muito escrupulosa, muito confiante no charlatanismo de medicos amigos, de grande nomeada. A consequencia foi uma desgraça medonha: deu para beber até se embriagar, escandalosamente, com paraty e foi acabar doida varrida, numa casa de saúde em Pariz.

A marquezeta estremeceu, arrepiada por intenso calefrio de terror, e fitou em Dolôres olhos sombreados de desconfiança a prescrutarem o intuito daquellas palavras que pareciam encobrirem uma allusão aos soffrimentos já bastante evidentes para serem percebidos pelos menos perspicazes; as sensações estranhas que, havia certo tempo, a affligiam, máus sonhos, appetites extravagantes, como a sêde, que se saciava com as libações de licôres capitosos, um vinho do Porto já muito velho na adéga, bem provida de raridades preciosas a seduzirem-na com encanto irresistivel.

Teria Dolôres inventado aquelle caso

de alcoolismo para convencer-a a consultar o dr. Valente, ou revelára, sem intenção perversa, e, sómente, pela futilidade predominante no seu character, o infortunio de uma amiga?

Como quer que fôsse, essa duvida a torturava, e ella não tinha energia para repellir as insinuações de Dolôres, se bem que experimentásse profunda aversão ao procedimento della, ás suas maneiras desenvoltas, quasi impudicas, e ás conversas licenciosas nas confabulações intimas, nas quaes ella narrava anedóctas, episodios galantes das mundanas mais salientes dentro e fóra dos salões fluminenses, as estrelas do *high life*, cujas máculas eram expostas, como pecadilhos veniaes de gente fina e elegante, e ouvidos com tolerancia e curiosidade, porque Dolôres era muito engraçada; contava-as com fina ironia, misturada de ingenuidade, fazendo crêr que ella não era uma mexeriqueira maligna, mas uma mulher de espirito, muito festejada nas ródas masculinas e muito apreciada nas altas regiões onde penetrára, á caça do emprego para o marido.

Percebendo a desconfiança da marquezeta, Dolôres apressou-se em desmanchar a má impressão que provocára.

— Não penso—disse ella—que a querida marquezeta sóffra de semelhante molestia, uma verdadeira mania ou consequencia de esterismo. Não, nunca!.. Apenas lhe indico o sabio medico por me interessar pela senhora, e me penalisarem muito os seus soffrimentos. A's vezes, tudo isso passa com o tempo: é simples nervoso. Tambem que idéa a de se metter na rôça, longe da sua rôda, dos seus amigos!.. Lembra-se da Clarinha?... Era a mãe leval-a para a fazenda, vinham-lhe atáques, melancolias, falta de appetite, que passavam por encanto quando a libertavam do degrêdo. O medico da familia dizia que era uma grande manhôsa, e por isso lhe não dava remedios... O certo é que com dois verões em Petropolis, sarou por milagre, e casou. Já era tempo, porque ella estava passando. Foi um casamento de conveniencia, e é muito feliz. Ah, minha querida, as allianças por amor estão provando mal. O romance termina rapidamente; a realidade desfaz o idyllo e fica a desillusão irremediavel... E quer um exemplo? Lembra-se da Biby e do Juca Mattos? Dois pombinhos, arrulhando em apaixonado enlêvo! Todo o mundo os considerava feitos um para o outro; entretanto, a paixão se evaporou pouco depois do casamento: ella, ralada de desgostos, já não apparece; elle, vive abertamente com uma cocôtte que lhe consome rios de dinheiro, não falando dos escandalos.

— Foi uma infelicidade—observou a marquezeta—que, na verdade, ninguem poderia prever: uma verdadeira desgraça...

— Infelizmente muito frequente, porque os homens não teem escrúpulos; vivem escravizados aos seus vicios. Nesse particular não tenho razão de queixa: o Dádá é o exemplo dos maridos, ás vezes meio caturra, cheio de preconceitos, muito ciumento, mas de um ciúme tranquillo que mais se manifesta por queixúmes disfarçados em carinhoso respeito, e observações muito delicadas, do que por impetos de grosseria selvagem e ameaças. Oh! o Dádá é encantador quando se enciúma... O seu semblante zangado com aquelle olhinho defeituoso de ôvo estallado, desvairado dentro das palpebras murchas, dá-lhe uma graça!. . Quando me trata por senhora, já sei que está desconfiado. Então eu, para evitar aborrecimentos, fico triste; não como; entro a meditar com suspiros magoados, até desapparecerem os prenuncios da tormenta. . Oh, esses artificios são muito salutaes. Demais, os homens gostam de ser enganados com arte. Caricias, mesmo fingidas, lhes sabem mais que franquezas rúdes. O que os irrita é o desaso das mulheres vulgares, expondo-os ao ridiculo, á maledicencia; o que os irrita é o escandalo. A senhora não se recórda daquella phrase do Moiro de Veneza? Não se lhe importava que a mulher fôsse amante de todo o regimento, mas que elle não o soubésse..

Ouviu-se o chiar das rodas de um carro na arêa do jardim. Dolôres interrompeu as suas considerações.

— Como o tempo vôa?!—exclamou, olhando o relógio— Adeus, querida amiga. Não pense no que lhe disse. Não se deixe impressionar pelos meus conselhos, nem faça caso de minhas bisbilhotices. Adeusinho. Não deixe de falar ao ministro sobre a pretensão do Dádá... Eu sei que uma palavra sua á Princeza, basta para que elle seja nomeado...

— Eu nada válho.

(Continúa)

## A VÓZ DO ALÉM

Que vóz é esta, Senhor?

Santo Agostinho.

Sentei-me junto a um tumulo fechado

E a fronte reclinei na lousa fria.

— Quero escutar, disse eu, a litanía

De um coração que aqui jáz enterrado.

Nisso, de dentro parte um som maguado,

De uma emotiva e funda nostalgia.

— Quem és? E o som responde-me: «Maria,  
A tua filha, o teu amor sonhado!»

Um frio então, sinistramente horrendo,

Corre-me os ossos e me váe correndo,

As veias, que afinal se regelavam...

Mas, fiquei sem saber se a vóz maguada

Era a dessa Ovelhinha idolatrada

Ou era a dos Vérmes que de mim zombavam!

ARAUJO FIGUEIREDO.

## PAGINAS ESQUECIDAS

## CANÇÃO

Por meio de umas serras mui fragosas,  
Cercadas de silvestres arvoredos,  
Retumbando por asperos penedos,  
Correm perennes aguas deleitosas.  
Na ribeira de Buina, assim chamada,  
Celebrada,  
Porque em prados  
Esmaltados  
Com frescura  
De verdura,

Assi se mostra amena, assi graciosa,  
Que excede a qualquer outra mais formosa,  
As correntes se vêm que, acceleradas,  
As ervas regalando e as boninas,  
Se vão a entrar nas aguas Neptuninas,  
Por diversas ribeiras derivadas.  
Com mil brancas conchinhas a aurea areia

Bem se arreia ;  
Voam aves ;  
Mil suaves  
Passarinhos  
Nos raminhos

Áccordemente estão sempre cantando,  
Com doce accento os ares abrandando.

O doce rouxinol num ramo canta,  
E de outro o pintasilgo lhe responde :  
Aperdiz de entre a matta, em que se esconde,  
O caçador sentindo, se levanta :  
Voando váe ligeira mais que o vento ;  
Outro assento  
Váe buscando,  
Porém quando  
Váe fugindo,  
Retinindo,

Traz ella mais veloz a setta corre,  
De que, ferida, logo cae, e morre.  
Aqui Progne, de um ramo em outro ramo,  
Co' o peito ensanguentado anda voando,  
Cibato para o ninho indo buscando :  
A leda cordoniz vem ao reclamo  
Do sagaz caçador, que a rede estende,  
E pretende  
Com engano  
Fazer damno  
Á coitada,  
Que engodada

De uns esparzidos grãos de loiro trigo,  
Nas mãos váe a cair de seu imigo.

Aqui sôa a calhandra na parreira ;  
A rôla geme ; palra o estorninho ;  
Sáe a candida pomba do seu ninho ;  
O tordo pousa em cima da oliveira :  
Vão as doces abellas sussurrando,

E apanhando  
O rocio  
Fresco e frio,  
Por o prado  
De erva ornado,

Com que aureo licor fazem, que deu  
A' humana gente a industria de Aristéo.

Aqui uvas luzidas penduradas  
Das pampinosas vides resplandecem :  
As frondiferas arvores se offerecem  
Com diferentes fructos carregadas :  
Os peixes na agua clara andam saltando,

Levantando  
As pedrinhas  
E as conchinhas  
Rubicundas  
Que as jucundas

Ondas comsigo trazem, crepitando  
Por a praia alva, com ruido brando.

Aqui por entre as serras se levantam  
Animaes Calydonios, e os veados,  
Na fugida inda mal assegurados,  
Porque do som dos proprios pés se espantam.  
Sáe o coelho, a lebre sáe manhosa

Da frondosa,  
Breve matta  
D'onde a cata  
Cão ligeiro  
Mas, primeiro

Que ella ao contrario férvido se entrégue,  
Ás vezes deixa em branco a quem a segue.

PADRE ANTONIO VIEIRA

\*  
\* \*

LORD BEACONSFIELD

IV

Como romancista, lord Beaconsfield nunca escreveu propriamente um romance tal como nós modernamente o comprehendemos. Alguns dos seus romances são pamphletos em que os personagens constituem argumentos vivos, triumphando ou succumbindo, não segundo a logica dos temperamentos e as influencias do meio, mas segundo as necessidades da controvérsia ou da thése. Outros fórman verdadeiras allegorias como as tem a pintura decorativa nas muralhas dos monumentos publicos. Num dos mais celebres — *Lothair* — ha um mancebo idéal, encarnação do espirito inglez, que ama successivamente trez mulheres: uma italiana, casada com um americano, bella creatura de perfil classico, e fórmas de Deusa, que representa a Democracia ; uma ardente rapariga de cabellos negros e revôltos, sempre em extasi, que é a personificação da Igreja Catholica ; e, emfim, uma dôce e loura donzella, séria, grave e térna, que symbolisa o protestantismo. Depois d'hesitar entre estas trez paixões — decide-se, como um bom inglez, por casar com o Protestantismo, quero dizer, com a loura, conservando um culto vago e secréto pela Democracia, quero dizer, pela soberba americana de perfil marmóreo. Moral: a felicidade dum povo está na pósse duma forte moral christã alliada a um uso moderado da liberdade. Isto dava uma excellente e apparatusa *frêsc*a na sala dum parlamento. E lord Beaconsfield accentúa os detalhes allegoricos com uma tal ingenuidade — que faz, por vezes, sorrir ; assim, por exemplo, a americana, isto é, a Democracia, apparece sempre em *soirées* e festas, vestida á grega, com uma estrella de brilhantes na fronte, como a cabeça da *republica* nas moédas francezas de cinco francos !

O meio em que os seus romances se passam, tem quasi sempre um ar feérico: tudo são, como disse ha pouco, palacios dum fabuloso e sombrio luxo, festas como as não tiveram os Medicis, fortunas de banqueiros, de duques, perante as quaes os Crésus, os Monte-Christos, os Rothchilds, todos os ricos da lenda ou da realidade apparecem como despreziveis pelintras.

A linguagem destes personagens corresponde ao esplendor das suas moradas e ao nebuloso dos seus destinos. *Misses* de dezoito annos, habitando prosaicamente Belgrave Square, fallam aos seus namorados com a pompa allegorica do *Cantico dos Canticos*; e quando (o que é frequente) dois brilhantes espiritos como Sidonia ou mrs. Coningsby conversam, vêm-se, cruzando rapidamente dum a outro labio, as imagens rutilantes, os luminosos conceitos, como se as duas creaturas se estivessem recitando um ao outro, numeros do *Intermezzo* ou tercêtos de Petrarcha.

Esta linguagem, de resto, convém ás idéas, aos sentimentos, ás aventuras que elle attribue aos seus typos principaes ; tudo que é humano e real fica absolutamente de fóra dessas transcendentales creaturas: fallando como poemas, compórtam-se naturalmente como chiméras.

O seu mais famoso heróe — *Tancredo* — váe a Jerusalém e á Syria com este fim — *penetrar o mysterio asiatico*. Não percebem? E' facil. Sendo Jerusalém e as planicies da Syria o unico ponto do Universo em que Deus jámais conversou com o homem ; em que appareceram os prophetas e os Messias ; em que das sárças, do murmúrio dos rios e do écho dos desertos, surgiram as Leis Novas, dando á humanidade destinos novos — o moço *Tancredo* parte, para que lá, nesses logares, Deus lhe falle, um raio de luz o divinise, uma religião lhe seja revelada; e tendo partido de Londres como simples lord, possa regressar a Regent Street, como Messias, e regenerador das sociedades.

E (perguntar-me-hão) que succede a *Tancredo* na Syria? O que succede a todos os personagens de lord Beaconsfield, que nas primeiras paginas partem para sobrehumanos destinos, como os antigos cavalleiros da Tavola Redonda: succede-lhe que casa com uma linda e honesta menina, e que tem muitos filhos no meio de muita felicidade...

E o *mysterio asiatico*? Parece que o não achou. Mas, descobriu coisas curiosas, e de rara fábula: por exemplo, um povo pagão, onde reina uma bella sacerdotisa de Apollo, que celebra ainda hoje nobres cultos hellenicos, e que se namóra de *Tancredo*. Mas, *Tancredo*, cavalleiro christão, depois de a defender da invasão dum outro povo que adóra ídolos infames, foge, foge

á desfilada, deixando a classica rainha a gemer de amor aos pés da estatua d'Astarte. Depois, elle mesmo está para ser rei do Libáno. Emfim, uma grandiosa e rutilante salsada. E tudo isto se passa ahi por 1858, no tempo da exposição de Pariz.

Mas, que prodigioso talento, que arte, que amplidão d'imaginação para pôr de pé, em todo o seu brilho, este desordenado monumento d'Idéalismo!

Com effeito, que artista fino, e por vezes poderoso!

Apezar deste abuso do gongorismo na ficção, do vago e ao mesmo tempo do amaneirado das suas concepções, destes enrêdos e destes personagens que, por vezes, parecem uma mystificação — os seus romances nunca deixam de interessar, direi mesmo, nunca deixam de captivar. Atravessa-os sempre um enthusiasmo sincero — em que se sente o amor poetico com que elle segue os seus generosos herôes, as suas bellas mulheres nesses destinos fóra da realidade. Depois, a sua fina sensibilidade, o seu idéalismo um pouco convencional, mas de grande *élan*, os requintes dum gosto supremo — levam-no a dotar os seus personagens e a acção em que elles se móvem, duma tal belleza espiritual, duma tão alta nobreza de costumes, que os olhos se enlévam, a imaginação namóra-se desse mundo ficticio, dessa humanidade de poema, onde nada existe de vulgar ou de baixo, e onde brilham fórmulas maravilhosas e transcendentales do pensar, do sentir e do viver.

Isto dá-lhe uma qualidade encantadora: — *é luminoso*. Personagens, paesagens, interiores, o proprio movimento da aventura — tudo está banhado numa luz serena e graciosa. Pintando as coisas fóra da verdade social, não tendo de lhe apresentar as sombras tristes, exclúe dos seus vastos quadros, tudo o que na vida é duro, brutal, feio, máu, estúpido, as fórmulas várias da baixezinha humana.

Escrevia para uma sociedade rica, nobre, litteraria, requintada, e mostra-lhe um mundo d'ouro e crystal, gyrando numa bella harmonia, batido duma luz côr de rosa...

Tenho insistido neste lado *não real* dos livros de lord Beaconsfield. Todavia, um homem destes, antigo *dandy*, critico, estadista, habituado a governar, observador por necessidade, não podia deixar de ter accumulado uma grande experiencia dos caractéres e da sociedade; e essa experiencia deveria necessariamente transparecer nas suas pinturas da vida. E lá está com effeito. Por entre as suas grandes creações symbolicas, de indisciplinada imaginação, (*Tancredo, Lothair, Sibil*) mó-

ve-se todo um mundo real, de uma vida exacta e forte, figuras de carne, postas de pé com um singular vigor de desenho e côr. São os seus personagens secundarios, os seus politicos, os seus intrigantes, os seus homens de letras, as suas mulheres da móda, os seus lords elegantes. Todos estes typos fóram copiados do natural. Londres conhecia-os, dava-lhes logo os nomes; e o escandalo destes retratos foi mesmo uma das grandes causas do successo de lord Beaconsfield. Mas, mesmo para quem não frequenta a sociedade de Londres, e não conhece os originaes, estes typos interessam — porque *vivem*.

Ordinariamente, são apenas esboços — mas magistraes; e apparecendo assim em destáque, ao lado de creações de pura imaginação, descomedidamente poetica e de contórnos fluctuantes, esses typos reaes adquirem um relêvo maior como perfis da verdadeira humanidade, mostrando-a por entre o nebuloso de uma mythologia.

São elles os que interessam, e da vasta galeria de lord Beaconsfield, só elles ficarão lembrados.

Seria impossivel, neste estudo ao correr da penna, feitos só de impressões, — marcar todos os traços de uma individualidade tão complexa como a de lord Beaconsfield.

Poucos homens teem produzido um tão curioso conflicto de apreciações: diz-se delle que foi um grande homem de Estado, e diz-se tambem que foi apenas um charlatão; a critica tem-no apresentado como um romancista de genio — e como um máu alinhavador de novéllas! Homem de partido, soffreu em politica e em litteratura, ora a idolatria, ora o rancor da parcialidade partidaria. Uma coisa, porém, tinha a seu favor — é que todos os mediocres o detestavam.

E' difficil, de resto, separar nelle o politico do romancista: fazia méra politica nas obras d'arte, que se tornavam assim resôantes manifestos das suas idéas de estadista — e fez romance no governo, que parecia muitas vezes um *scenario* de drama, sobre o qual elle estava de penna na mão, combinando os lances d'effeito. Seja como fôr, a Inglaterra perdeu nelle um dos seus genios mais pittorescos e mais originaes.

Individualmente, foi um *feliz*. Tendo, em novo, lançado o plano da sua vida futura, como quem prepara um enrêdo de romance, realisou-o plenamente, em todos os pontos, num continuo triumpho. Foi formoso, foi amado, foi rico, teve a melhor espôsa de Inglaterra, (como elle dizia) deixou uma vasta obra litteraria, foi o confidente

escolhido da sua rainha, governou a sua patria, pesou nos destinos do mundo, e findou numa apothéose. Foi então absolutamente, ininterrompidamente ditoso? Não. Este homem triumphante viveu acompanhado dum secrêto, dum pequenino, dum ridiculo desgôsto: — nunca pôde fallar bem francez!

EÇA DE QUEIROZ

Londres, 1881.

(Conclusão)

## ENSINO OBRIGATORIO (\*)

SUA APPLICAÇÃO EM DIFFERENTES PAIZES E SUA NECESSIDADE ENTRE NÓS

Quasi todos os paizes civilisados já instituíram em suas organizações administrativas o ensino primario obrigatorio, podendo-se até, entre elles, citar o Japão que, de alguns annos a esta parte, com uma energia e uma pertinacia verdadeiramente assombrosas, conseguem, sob todos os pontos de vista, collocar-se ao lado das nações mais cultas.

Desde 1880 que o Mikado adoptou a instrucção obligatoria, fazendo logo funcionar em todo o imperio escolas primarias de duas cathogorias: para as crianças de 6 a 9 annos de idade e para as de 9 a 13. Mais tarde essas duas cathogorias fóram subdivididas em oito *graus* cada uma. Os alumnos frequentam durante seis mezes cada um desses *graus*, o que dá a todo o curso primario a duração de oito annos.

Uma lei de 1890 obriga as municipalidades das cidades e das aldeias a crear salas de gymnastica em todas as escolas. Um imposto escolar facilita ao governo as despezas com construcções de escolas, que devem ser sempre bastante espaçosas. Se um municipio é pobre e escasseiam-lhe recursos para manter uma escola, funde-se, nesse intuito, com um ou alguns dos que lhe ficam perto. Ha diferentes disposições de lei, relativas ao pagamento daquellas despezas. Basta dizer que, para fazer face a este maravilhoso systema de educação publica, o Japão, victorioso da China, começou destinando a totalidade da indemnisação de guerra, ou sejam 250 milhões de francos, ao ensino e á construcção das escolas, segundo affirma Storckelley.

Algumas estatisticas japonezas o desenvolvimento evidenciam alcançado em materia de instrucção naquella paiz, depois da lei de ensino obligatorio. Emquanto em 1874, apenas 1.700.000 creanças frequentavam as escolas, em 1891, essa cifra subiu a 4.600.000, e actualmente pôde-se calcular a frequencia escolar em cinco milhões de creanças.

Quanto aos mestres, é intuitivo, esse algarismo elevou-se também consideravelmente, pois que eram apenas em numero de 17.000, de 1873 a 1878, e, entretanto, elevaram-se, em 1901, a 92.000, para chegar actualmente á avultada cifra de 100.000 !

Comprehendendo bem que, em materia de ensino, não se deve olhar a dispendios, o governo japonês tem gasto grandes sommas com a educação do seu povo.

As despesas nesse sentido, que já eram, em 1874, de 8 milhões de francos, elevaram-se a 21 milhões em 1895, 75 em 1901, e attingem hoje á importante somma de *cem milhões*, sem fallar nos gastos feitos, com fim identico, pelas municipalidades.

O Japão, convencido de que ao ensino universitario sobrepujam em fins praticos as escolas que aparelham, em grande numero, os filhos do paiz para poderem ganhar laboriosamente a vida, possui apenas duas Universidades, que são: a de Tokio e a de Kyoto, fundadas, a primeira em 1877, e a segunda em 1897. O seu ensino universitario, ainda assim, firma-se, a exemplo dos Estados Unidos da America do Norte, em vantagens menos theoreticas do que praticas, possuindo a primeira daquellas universidades uma fazenda-modelo, um jardim de experiencias, laboratorios, museus, hospital de veterinarios, ricas florestas com uma superficie de dez mil hectáres, uma opulenta selva e outras condições magnificas, que a tornam muito recommendavel.

Possúe ainda o Japão excellentes *escolas especiaes*, entre as quaes sobresahem: a de *Senmon* e a de *Keio-Guidjku*. O nome desta ultima representa uma homenagem do Japão ao seu eminente filho, o philosopho Keio, cujo excellentè programma em materia de instrução, foi condensado nas seguintes palavras:

« O nosso systema de ensino consiste em dar a maior importancia ás sciencias occidentaes modernas. As sciencias classicas do Japão e da China não contém cousa alguma que mereça sêr tomado em consideração. A razão de ser da importancia na sciencia occidental é que se baseia na natureza, explica as causas e os effeitos das cousas, derrama luz immensa sobre a humanidade e deu á vida direcção positiva, exacta e comprehensivel. »

Todas estas informações, colhidas num magnifico artigo de Stortckley, a quem já acima nos referimos, dão uma idéa bem clara do gráu de superioridade do ensino no Japão, e fazem-nos crêr, como, de resto, a todos os espiritos analyistas, que seja encontrada ahí a principal explicação para o rapido e surprehendente engrandecimento daquelle encantador paiz oriental.

Convém registrar ainda que o Japão possui alguns « jardins da infancia » do admiravel modelo creado por Froebel, e que lhe permite, assim, dar uma educação racional ás creanças de tenra idade.

A França reconhecendo os sensiveis resultados que deveriam ser colhidos com a instituição do ensino obrigatorio, por meio do qual, movida a guerra de exterminio ao analfabetismo, dar-se-ia, por um dos flancos, proveitoso combate á delinquencia prematura e ao crime em geral, estabeleceu, egualmente, em 28 de março de 1882, a lei do ensino primario obrigatorio para as creanças de 7 a 13 annos.

Para ser levada a effeito essa salutar disposição legislativa, o governo creou immediatamente grande numero de escolas, elevando-se, de modo consideravel, as despesas, como é facil verificar pelos dados colligidos por Alfred des Cilleuls.

Ainda assim em 1894, Y Gaufrés, conselheiro municipal de Pariz, declarava na *Revue Penitentiaire*, que naquella capital mais de *seis mil* creanças se viam impossibilitadas de frequentar as escolas, á falta de collocação.

As estatisticas d'aquelle tempo registravam que em 225.000 creanças possuindo a idade escolar, cêrca de *vinte mil* deixavam de receber instrução, notando-se mais que, em toda a França, a relação entre as creanças *inscriptas* e as que frequentavam regularmente a Escola, era de 89 %. Sobre um total de 5.545.000 alumnos, havia cêrca de 600.000, nos quaes o principio da obrigatoriedade deixava de ser exercido.

Em seus artigos 12 a 14, a lei de 1882 estabelecia uma série de penas contra os paes que recaltrássem na sua desidia, penas que se resumiam no seguinte: admoestação, affixação á porta da *mairie*, condemnação a multa e, por fim, á prisão, determinada pelo juiz de Paz.

Luiz Rivière diz em seu livro *Mendiants et Vagabonds*, que não era possivel applicar essas penas rigorosamente, pois a escola não se achava em condições de receber todos os contraventores, accrescentando que, tanto a privação das escolas congreganistas (no que, a nosso ver, se trouxe, por um lado, desvantagens para o ensino, por outro lado, produziu beneficios) como as paixões politicas que, infelizmente também abundam em nossa patria, teem prejudicado os bons resultados da lei.

Dez annos antes do Japão e doze antes da França, já a Inglaterra havia estabelecido o ensino obrigatorio, sen-

do uma das principaes características de diferenciação entre a legislação ingleza e a franceza o ter abolido esta o auxilio das associações religiosas, ao passo que aquella os encorája acceitando, de bom grado, o seu concurso, desde que se submettam aos seus programmas. Uma commissão, nomeada pela autoridade competente, que escolhe de preferencia pessoas que nenhuma liga tenham com a politica, verifica constantemente o gráu de frequencia escolar. Os respectivos commissarios inspeccionam, a miúdo, as escolas, examinando as listas de presença dos alumnos, dirigindo-se ás residencias dos ausentes, a cujos paes fazem ver a necessidade de observar a lei.

No caso de que as suas advertencias sejam improficuas, o juiz de Paz intervém, então, pronunciando a internação, durante limitado tempo, em uma escola de punição.

Depois das leis de 1870 e 1876, que regem a materia, fôram tomadas na Inglaterra, providencias bastante severas contra aquelles que se furtam ao ensino.

A frequencia escolar é registrada com o maximo escrupulo; os paes que consentem na ausencia dos filhos são advertidos pelo seu proceder; e se aquellas faltas não teem termo, ou pelo desleixo paterno ou porque as creanças « gazeiem » ou ainda quando sejam estas insubordinadas, o Estado fál-as recolher a escolas especiaes, ora como internas (*truant schools*) ora como externas (*day industrial schools*) onde permanecem durante um espaço de tempo, que, em geral, não excêde de trez mezes. Esgotados esses recursos, se as creanças reincidem, são mandadas para escolas industriaes communs. Uma multa é, então, imposta aos paes que de tal modo descurem da educação de seus filhos. Quando, além de negligentes, os paes se tornam reconhecidamente incompetentes, por miseria, máus costumes ou quaesquer outras circunstancias lastimaveis, de desempenhar as suas funcções respectivas, ao juiz cabe a faculdade, de conformidade com as leis de 1891 e 1894, de retirar-lhes os seus filhos, collocando-os sob a vigilancia do director da escola, onde elles recebem educação até a idade de 18 annos.

Essas e outras sabias disposições de lei fazem o autor que ha pouco citamos e no qual colhemos taes informações, affirmar que na Inglaterra toda a creança criminosa ou abandonada está segura de encontrar um genero de educação apropriado á sua condição; e só se lhe applica um regimen puramente repressivo quando se chega á plena convicção de que o menor é inteiramente incorrigivel. O Estado não toma a seu cargo a educação das creanças que os juizes subtrahem ás

suas familias; confia-as a estabelecimentos privados, sobre os quaes exerce fiscalisação e aos quaes subsidia.

Para poder attender a todas essas necessidades, a Inglaterra tem creado successivamente, como veremos depois, um grande e variado numero de estabelecimentos desse genero.

Basta, presentemente, uma simples advertencia da auctoridade, para que um homem, que não seja de todo máu pae, um operario mais ou menos sério, obedêça immediatamente, e faça o seu filho frequentar a escola. E' por esse motivo que a população actual das escolas de punição compõe-se de filhos de ébrios e filhos de individuos desclassificados.

O mesmo auctor considera ainda que, por não proceder a França de igual modo, é que se perpetua a vagabundagem das creanças nas grandes cidades do seu paiz, a despeito da lei de 1882, a que já fizemos referencia.

A falta de instituições destinadas áquelles fins, dá margem a que mesmo as creanças assíduas á escola estejam sujeitas ao perigo das ruas; pois fechando a escola ás 4 horas da tarde, deixa-lhes geralmente trez horas de liberdade até o regresso de seus paes da officina de trabalho para a casa.

Demais, tendo a lei de 1882 decidido não permitir a nenhum ministro de culto penetrar na escola, o seu art. 2.<sup>o</sup> estabeleceu que ás quintas-feiras de todas as semanas, deixaria de haver aulas, afim de que possam as creanças frequentar, á vontade de seus paes, os cursos religiosos. Durando as aulas destes cursos muito pequeno espaço de tempo (uma ou duas horas, em geral) a creança fica, no correr das demais horas do dia, exposta aos perigos da vadiagem, dos máus conselhos, das más companhias, dos máus lugares.

E' verdade que providencias tem sido tomadas nesse sentido, mas, para que possam ser largamente benéficas, é preciso que largamente se estendam. Nesse intuito, fôram creadas em França varias *classes de garde*, onde as creanças pódem trabalhar depois das aulas e sob as vistas de um mestre. Além dessas classes, existem *cantines scolaires*, custeiyadas pelas caixas das escolas, isto é, secções especiaes, onde, por pequeno preço e, algumas vezes, gratuitamente, as creanças conseguem fazer, dentro da própria escola, as suas refeições.

Os *cours de vacance* (cursos das férias) para as creanças que não têm quem olhe por si, durante os dois mezes que annualmente costumam concedidos para descanso nos estudos; os *comités* de colonias escolares, cujo fim é enviar ao campo ou para localidade marítima, as creanças cuja constituição

reclame esses cuidados e os patronatos, que velam pelos alumnos, em seus dias de descanso e que são na França em numero considerabilissimo — todas essas instituições dizem bem claramente o interesse vivo e constante que alli desperta, privada e publicamente, esse assumpto, cuja importancia, depois do que temos dito, não é mais preciso encarecer, devendo sómente ser-nos permittida, pela terceira, pela quinta, pela decima vez, lamentar que até agóra os nossos homens o tenham tido em tão pouca monta.

\* \*

As proporções a que se tem de restringir este estudo impédem-nos, infelizmente, de maiores detalhes e de mais largos commentarios ácerca do assumpto, occupando-nos das legislações de outros paizes civilizados, entre elles a Allemanha, a Hollanda, a Suissa, etc, no tocante ao ensino obrigatorio, como poderosa e invencível barreira, quando regularmente applicadas, contra a mendicidade, o abandono e a vadiagem das creanças, que é, como já se disse, a escola elementar do crime.

Não deixaremos, comtudo, de lembrar que não é sómente de bem elaboradas leis sobre ensino obrigatorio que necessitamos, a bem dos nossos creditos, da nossa moralidade, do nosso engrandecimento; precisamos, sobretudo, que sejam fiél e rigorosamente cumpridas as disposições proveitosas que ellas encerrem no seu bôjo.

Vem a proposito referir as observações feitas por Nassoy, director da colonia de Santo Hilario, no departamento de Vienne, (França) em trabalho apresentado ao 5.<sup>o</sup> congresso internacional penitenciario, reunido em Pariz, em 1895, commentando a applicação da lei de 28 de março de 1882.

Nassoy reconhece que a mencionada lei, rigorosamente executada, deveria impedir que as creanças com menos de 13 annos de idade se entregassem á vagabundagem e á mendicidade de um modo contínuo, mas que não são sómente as creanças desta categoria que fogem á escola e sim quasi todas aquellas mandadas corrigir, assignalando que, dentre estas, conforme documentos irrefutaveis, o nivel de instrucção tem baixado de modo consideravel. Desde alguns annos, augmenta visivelmente a proporção dos analphabetos que dão entrada nas casas de reforma. Nassoy conclúe, com taes elementos, que a lei do ensino obrigatorio conserva-se letra morta e pede que, a bem dos interesses das creanças abandonadas ou filhas de paes indignos, seja exercida em toda a parte uma fiscali-

zação sevéra, afim de que todos os alumnos, que devem comparecer á escola, frequentem-na realmente.

FRANCO VAZ.

(\*) Vide, sobre o mesmo assumpto, o n. 13 desta revista, de 5 do corrente, onde vem a primeira parte deste trecho dum estudo sobre «*A Infancia Abandonada*», em elaboração, por incumbencia do sr. ministro da Justiça.

## SPIRITISMO

Foi na luctuosa quadra do terror, marcada, na historia dos nossos dias, por traços de lama e sangue a sujar a victoria do vencedor, como se lhe não bastasse a gloria de debellar um facil adversario, surprehendido a discutir sociologia e a disputar a investidura de cargos superiores.

O Manéco Rósas não estivera com os vencedores nem com os vencidos; vira quasi indifferente passarem pelejando as hôstes de irmãos desvairados numa loucura odienta; assistira ao despovoamento dos campos talados; aos incendios ateados pelo fâcho da guerra civil devorando estancias e lárres; e, muita vez, dera piedoso abrigo, no seio da terra amada, aos cadáveres abandonados á margem das estradas, mutilados uns, degolados o maior numero, os prisioneiros em massa, por que não se dispunha de meios para conservar os que caíam nas *volteadas* das surpresas e da sorte dos combates, ou fôram colhidos pela ferocidade de uma brigada que havia sempre evitado encontrar com o inimigo. Haviamos, então, importado sinistros habitos de crueldade, que se cévava em victimas indefezas para saciar uma sêde cruenta, uma sêde céga a enxergar inimigos nos ingenuos homens do campo, nas mulheres, nas creanças, abrigadas, transidas de pavôr, nos lárres abandonados pelos paes. E, atravéz do fumo denso da destruição inutil, se esgueiravam as vindictas pessôaes, marcando os suspeitos, com delações infamissimas, que se tornaram um meio muito commodo de eliminar credôres.

O Manéco Rósas estava com a sua trópa de mulas ao serviço do vencedor, pela simples razão de ser esse officio de tropeiro o seu ganha-pão, quando lhe disseram que fôra declarado trahidor da Republica. Conhecendo as consequen-

cias desse stygma, o pobre rapaz se considerou condemnado a espíar o seu crime pela faca, mediante um processo summarissimo, no qual o vóto dos espiritos, tutelares das instituições democraticas, tinha mais preponderancia que as resoluções de juizes de carne e osso.

Um sacerdote do espiritismo concentrava a direcção suprema do territorio subjugado, e as suas deliberações eram tomadas numa especie de conselho de guerra formado por espiritos inspiradores, cruéis nymphas Egérias, invisíveis, que tranquillizavam a melindrosa consciencia do chefe. Quando lhe traziam um prisioneiro, elle se concentrava numa evocação piedosa, e proferia a sentença com um simples gesto sêcco e rapido da mão espalmada, roçando o pescoço, e murmurando num tom de lastima invejosa :

—Que felizárdo ! Foi chamado. Concluiu a sua perigrinação na terra.

Propalára-se que o crime do Manéco Rosas, muito popular e querido, consistira em atrevida expansão de idéas, certas liberdades de pensamento, irreverencias de palavra, muito escandalosa no meio de subservencia do terror, ou da passividade hypocrita, cuja senha era—eliminar, a ferro e fogo, os inimigos da Republica. O fervor patriótico se caldeava em requintes de perversidade. E quem se derretêsse em melindressentimentaes, era tarado com a sinistra marca da suspeição.

Ora, o Manéco, prevendo, como camponio ladino, que os espiritos o considerariam libertado do processo de depuração terrestre para ir fazer uma estação de penitencia noutra planeta, nalgum Cucuhy, donde ninguem volta, pôz-se a pannos; atravessou campos verdejantes, traspôz montanhas enfeitadas de pinheiraes frondosos, e penetrou o seio das mattas que alcatifavam o berço de grandes rios.

Elle percebêra, na delação calumniosa, o dêdo de um sujeito que lhe devia uns carrêtos, e procurava esse meio, então muito vulgar, de liquidação: pagar dividas no outro mundo. Se não fôra anachronismo, poder-se-ia attribuir a esse cruel vêzo do calóte ensanguentado, a denominação popular de cadáveres aos credores exigentes.

\* \*

Mas, o guapo rapaz não era de temperamento para viver nas brenhas, como

um cobarde, um foragido, em contínua inquietação, faminto, abandonado naquella solidade medonha, eriçada de perigos. A fuga se lhe figurava uma fraqueza. Preservaria a vida; mas, arriscaria a de entes queridos, responsabilizados pela sua ausencia. E, tanto o horror á idéa de cobardia lhe penetrou o cerebro, que deliberou affrontar, denodamente a truculenta justiça dos patriotas e dos espiritos.

Na casa paterna, onde chegou de surpresa, foi acolhido como um temerario louco. Nem as exortações do velho pae, nem as lagrimas das irmãs, o demovêram do irremissivel projecto de se apresentar ao general, revestido da suprema confiança do governo para custodiar a sorte da Republica, naquellas paragens.

O grande Cabôclo tinha atilado tacto para escolher os seus auxiliares, os seus instrumentos de terror. O seu olhar firme e sombrio destacava sempre homens excessivos, fanatisados, ou apaixonados pelo que consideravam dever para com a patria; homens feitos para a execução fria das ordens mais absurdas, ou para as desobedecerem com monstruosos exagêros de zêlo expedito, não lhe dando tempo para corrigil-os com o arrependimento, com desafôgos de consciencia em actos de piedade e clemencia.

Todos os jacobinos de pápo vermelho pódem dar testemunho de que o inolvidavel Cabôclo era incapaz de matar uma môsca; tinha um coração de heróe e de pomba; mas, os medonhos auxiliares lhe frustravam os generosos impulsos, interpretando cruelmente as suas ordens e com tamanha precipitação, que elle, sómente tarde e a más horas, tinha conhecimento dos fusilamentos, dos degolamentos perpetrados em seu nome. Esses auxiliares, loucos ou ferózes, lhe borravam continuamente a pintura, lhe borriam a memoria immortal se não se houvésse, providencialmente, fundado a empreza de glorificação, que o levará em andôr á posteridade.

Pungiu-lhe immensa dôr, quando soube dos fuzilamentos do seu velho camarada e amigo barão de Batovy, do seu camarada velho Noronha, quando ouviu, com o coração opprêso, a narrativa horripilante do supplicio de Sêrro Azul e seus companheiros de martyrio. Sempre tarde, muito tarde,

lhe chegavam as noticias desses crimes. E elle se encontrava na dura conjuncção de não poder castigar os criminosos, com receio de desprestigiá a republica em perigo.

Mais tarde serão contados tristes episódios da *idade média* da Republica.

\* \*

O representante da dictadura, na, quelle Estado, não disfarçava as suas idéas philosophicas, nem as suas crenças no evangelho spirita: é bem provavel que o intimo convívio de almas do outro mundo, tenha determinado a sua selecção para tão melindrosa commissão. Manéco, como toda a gente, conhecia as anedóctas dessa vezania fanatica. De uma feita, elle fôra visto, num campo do suburbio commandando um corpo de exercito invisivel; noutra occasião, viram-no passeiar em confabulação animadissima com espiritos zombeteiros que lhe provocavam gostosas gargalhadas; muitas vezes, elle se curvava reverente, numas humildes maneiras de engrossamento a sêres superiores, que ninguem lobrigava. Não era, por isso, estranhavel que o povo, ignorante dos transcendentes mysterios do spiritismo, o considerásse doido varrido, ou creatura com partes com o demonio.

Um bello dia, Manéco deliberou sair da humilhante situação de foragido, custásse-lhe, embóra, essa imprudencia as carótidas. Deixou a casa paterna, trepou, lésto, a escadaria do palacio, e disse aos ordenanças que desejava fazer ao general, uma importante communicação. Os guardas hesitaram, mas o alferes, que os commandava, farêjando a delicia de uma delação, franqueou-lhe o accêso ao gabinete.

Corrido o reposteiro pesado, em cujas dôbras verdes se defórmaram as linhas das armas da Republica, a bóla, a legenda — *ordem e progresso* — no equador de trancelim e as estrellas do cruzeiro, o ousado moço se achou, arrepiado de pavôr, diante do homem taciturno, sentado como uma chiméra ornamental no tópo de uma meza, cercado de cadeiras vazias.

—Perdão—disse Manéco, hesitando surprehendido, e curvando-se para duas cadeiras em posição opposta, como se estivêsem occupadas por pessoas venerandas.

— Está espantado? Diga o que quer — rugiu o general, com máus módos,

irritado porque a presença do importuno o arrancara do extase de uma digressão pelas regiões do éther.

— E' que — balbuciou Manéco — eu suppúz que vossa excellencia estava só.

— Que está dizendo?

— Vossas excellencias queiram desculpar-me — continuou o moço, em tom de supplica humilde, dirigida ás cadeiras. — Eu não sabia que estavam em conferencia...

— Em conferencia, seu idiota?... Essa é bôa... Com quem?...

— Pois o cidadão general não vê aqui, nestas cadeiras, o cidadão marechal Deodoro e o cidadão general doutor Benjamin Constant?...

O general deixou a attitude de chiméra, arregalou, assombrado, os fatidicos e tristes olhos.

— Deodoro!... Benjamin! — exclamou, arrebatado num ésto de fé pela evidencia do milagre. — Sêde bemvidos, selectos espiritos que me dáes a honra ineffavel de uma comunicação directa... E' estupendo; é de converter os scepticos mais endurecidos.

E reprimindo a desmedida alegria, se retrahi, murmurando num tom liturgico:

— Concentremo-nos, irmão.

A formidavel cabeça triangular, cabeça de arára, pendeu-lhe para o seio, e os braços se lhe cruzaram na symbolica attitude de armas de S. Francisco; cerrou os olhos, e immergiu em funda meditação.

Manéco arremedou-lhe os geitos de religiosa attitude; e, quando elle despertou com um prolongado suspiro de satisfação psychica, aventurou, num tom de timida sinceridade ingenua:

— Eu vim apresentar-me á vossa excellencia, cidadão general, porque ouvi dizer que estou condemnado á morte.

— Condemnado você? — inqueriu o homem, com meiguice—Você, um medium ráro, um medium vidente de primeira ordem?... Não é possivel... Espere...

E meditou, de novo, com prévia venia pedida aos dois espiritos superiores, occupantes das cadeiras vazias.

— Não — continuou, prazenteiro — Os seus dias não estão contados; você não foi ainda chamado. A nossa religião não póde prescindir de um tão

poderoso auxiliar para resolver certos pontos methaphysicos da sublime doutrina. Que quereis?...

— Se a religião necessita da minha humilde pessoa, eu desejaria um salvo-conducto...

O general escreveu, rapidamente, uma ordem de *passé*, e terminou sorrindo:

— Ide em paz, irmão; deixáe-me para que eu receba as ordens e a inspiração dos eminentes espiritos que me honram...

De recúo, curvando-se em reverentes mesúras ao general visionario, Manéco se esgueirou, apertando ao seio o precioso papel que lhe salvará a existencia.

EUCLYDES

## FINANÇA

O sr. visconde Rodrigues de Oliveira, intelligente cultor de estudos economicistas, nos remetteu um interessante opúsculo: *Projet de Réforme Monétaire et de Création d'une Banque d'Emission au Brésil, par Edmond Théry*, director do *Economiste Européen*, no qual, com a indiscutivel auctoridade do auctor, se offerece uma solução ao problema financeiro, dando estabilidade ao padrão monetario e creando um banco de emissão, que se encarregue da substituição do papel-moeda pela circulação fiduciaria, garantindo ás capacidades productivas do paiz, seguros meios de desenvolvimento pela restauração do crédito sobre bases, solidamente, estaveis.

A importancia da materia nos induziu a dal-a em traducção aos leitores dos *Annaes*.

## PROJECTO DA REFORMA

### MONETARIA NO BRAZIL

#### I

#### Posição da questão

No manifesto de 1898, o sr. Campos Salles esboçou um plano de restauração economica e financeira do Brazil, resumido nos seguintes termos:

Restauração do valor da circulação fiduciaria pela emissão gradual do papel moeda; diminuição das despesas publicas; repartição dos serviços publicos de modo que a União fique encarregada dos que são de caracter essencialmente federal; augmento da renda publica com severa fiscalisação da respectiva arrecadação; suppressão do *deficit* orçamentario; restabelecimento da confiança publica; expansão do credito do Estado e importação de capitaes estrangeiros.

A obra de restauração economica e financeira do Brazil, deveria ser a questão capital de sua legislatura.

«E' — disséra elle, no alludido manifesto—a questão predominante e vital, a que responde, mais intimamente, aos interesses da patria. A influencia que ella exerce e a gravidade de seus effeitos, no interior como no exterior, são de tal natureza que essa questão deve egualar para o povo brasileiro, os mais sérios problemas internacionaes.»

O programma de restauração economica e financeira do sr. Campos Salles, foi acceito pela unanimidade do povo brasileiro, e o Brazil, que parecia, no começo de 1898, condemnado á ruína, e do qual quasi todos os economicistas europeus vaticinavam fallencia material e moral dentro de breve prazo, graças á honestidade incontestavel da sua população, á energia e clarividencia patriotica do governo federal, viu atravessar, victoriosamente, a crise mais formidavel que uma nação, digna desse nome, jámais soffreu.

Os quatro exercicios de 1895 a 1898, tinham deixado *deficits* orçamentaes, que exigiram recursos extraordinarios consideraveis, e nos quaes novos emprestimos e emissões fiduciarias figuravam com 8.122.080 £ e 216.350 contos em papel-moeda. A conversão das libras sterlinas em contos de réis, ao cambio médio dos quatro annos — 8d.,5 por mil réis — daria um *deficit* total aproximadamente de.

$216.350 + 194.929 = 411.729$  contos.

Ao contrario, conforme o ultimo relatório do dr. Leopoldo de Bulhões, ministro de finança da União, a renda ordinaria, nos exercicios de 1900 a 1903 fôram de 184.293 contos ouro e . . .

1.094.206 contos papel, e o complexo de todas as despezas, feitas pelo Thezouro Federal, foi de 163.802 contos ouro e 1.184.781 contos papel, deixando, provisoriamente, um excedente de 20.491 contos ouro e um *deficit* de 90.575 contos papel, por não estarem ainda esses exercicios officialmente liquidados.

Convertendo o excedente de 20.491 contos ouro em contos papel, conforme a média do cambio daquelles quatro annos — 11 d., 4, — obter-se-iam. . . . 48.531 contos papel, reduzido o *deficit* real daquelle periodo a 42.044 contos papel, suppondo, bem entendido, que a liquidação definitiva não modifique o resultado final dos quatro exercicios.

Assim, sem necessidade de estabelecer uma comparação mais minuciosa entre a situação financeira do Brazil em 1898 a 1904, comparação que será feita adeante, quando examinarmos a divida publica, póde se admittir agóra:

1º Que uma ordem relativa reine na administração brasileira e que se empregam esforços perseverantes no sentido de melhorar progressivamente

todos os ramos de administração federal e local dos Estados autonomos;

2º Que o orçamento da Federação está solidamente firmado e que os seus recursos normaes se desenvolvem, regularmente, e fazem face a quasi todos os encargos internos e externos:

3º Que, graça a esses resultados iniciais e á execução rigorosa das estipulações do *Funding* de 1898, relativas á retirada de papel moéda, o cambio exterior do Brazil, melhorou sériamente, assim como seu crédito de Estado nos mercados estrangeiros, com grande vantagem dos interesses nacionaes;

4º Que o presidente Rodrigues Alves, assim como o sr. Leopoldo de Bulhões, habil ministro das finanças e os principaes homens politicos brasileiros, manifestam o sincero desêjo de continuar a applicação dos sabios principios inaugurados pelo governo do sr. Campos Salles, os quaes pôdem, por si sós, assegurar a rapida valorisação das innumeradas riquezas naturaes do Brazil e sua emancipação financeira.

Depois de admittir a verdade desses factos, convém reconhecer que a obra feita entre 1898 e 1904, foi a da regularisação das finanças federaes, tão gravemente comprometidas durante o primeiro periodo do novo regimen.

Para estimular as aptidões individuas do povo brasileiro no sentido da valorisação do territorio nacional, para permittir ao Brazil tornar-se, rapidamente, o grande paiz de produção agricola e industrial, que será certamente, num futuro mais ou menos proximo, o governo federal deve ainda transpôr os dois seguintes trechos de trabalho:

1º, Restaurar o padrão monetario nacional e supprimir o curso forçado do papel moéda actual, creando uma circulação de origem unica, conversivel em ouro e proporcionada ás verdadeiras necessidades do paiz;

2º, Organizar instrumentos de crédito sob todas as suas fórmulas — commercial, territorial, agricola — e lhe assegurar a repartição automatica no interior da Confederação brasileira.

E, quando essas operações fôrem realizadas, a situação financeira do Brazil se consolidará, verdadeiramente, iniciando sua prosperidade economica um desenvolvimento racional.

(Continúa.)

FARIAS BRITO

III

Ha cerca de uns trinta ou quarenta annos é que começámos a ter espiritos de primeira ordem, ou pelo menos es-

piritos que pôdem ser considerados como pensadores dignos de tal nome. Os dois mais notaveis que abrem a nova phase são incontestavelmente o visconde do Rio Grande e o visconde de Araguaya. O visconde do Rio Grande deixou, entre outros muitos trabalhos, um livro que está esquecido, mas que ha de dar sempre um alto testemunho de tão nobre espirito — *O fim da Creação*. O segundo, o poeta da *Confederação dos Tamoyos*, teria sido talvez maior como philosopho si houvesse dado outra direcção a seu espirito e certa unidade a seu esfôrço como pensador. Escreveu sobre psychologia e moral.

Depois destes, não sei si temos alguém mais a citar até Tobias Barreto, sem duvida o mais notavel entre os da geração que precedeu á actual. Este só não fez um nome europeu porque nasceu no Brazil e escreveu pouco. Elle tinha as grandes qualidades de um pensador de raça. Nas suas obras, ha a nota pessoal: e sente-se nellas uma forte personalidade. Foi um espirito que se não fez por outros espiritos. Não teve modelos, isto é, não andou servilmente com ninguem, nem mesmo com aquelles que lhe mereciam mais legitima sancção

Isto não quer dizer que elle tivesse apparecido milagrosamente, isolado de tudo o que se havia feito até alli. Pelo contrario: elle tinha a grande e vasta cultura do seu tempo, como não é possível que deixe de fazer todo aquelle que quizer levar avante a obra das gerações precedentes. Mas, o que o distinguia do simples assimilador é o talento de ver as questões, julgar os factos e pôr os problemas com alma propria.

E' pena que não vivésse em meio mais amplo, onde o seu espirito encontrasse *humus* para a vida plena e exuberante, expansiva das naturezas tropicaes. Elle nascêra para os grandes theatros e para as grandes luctas. Ainda assim, quando fizemos a historia do espirito humano nesta parte do continente, o seu nome ha de encher uma boa pagina dessa historia.

O grande mal para Tobias Barreto foi ter vivido num quasi completo isolamento espiritual e, por assim dizer, sitiado sempre de uma profunda aversão, de uma suspeita obsidente no meio acanhado em que viveu: emquanto o seu espirito tinha a convivencia muda e secreta dos grandes mestres, o seu temperamento ardente e aggressivo se irritava encontrando-se com os homens do seu meio estreito — alheios todos á salta esphera onde elle planava. D'ahi o orgulho que nelle se gerou e creceu desmesuradamente, orgulho a que se lhe devem attribuir os graves defeitos de pensador, que não pôde nunca dissimular. Isso explica o tom áspero e apaixonado em que discutia: mesmo quando não entrava em disquisições compasso alguma, tinha sempre

motivos ou pretextos para atacar alguem.

E é assim que a sua obra ficou imacabada. Sobretudo nos ultimos tempos da sua vida, elle se tornou de uma intolerancia absurda e lamentavel, si bem que, desde o principio, o seu espirito tivésse desandado das alturas em que sempre deve pairar o verdadeiro philosopho. Nem seria possível dissimular que foi um grande mal feito á sua memoria a publicação pósthuma desse livro, que eu estava quasi chamando de monstruoso, no qual o dr. Sylvio Roméro reuniu muitos artigos de polemica, a maior parte sem direito a reedição, pois, em vez de augmentar tiram alguma coisa, muita coisa mesmo á gloria do philosopho pernambucano

Contemporaneos de Tobias são, entre outros muito poucos: o visconde de Taunay e o dr. Sylvio Roméro. O visconde de Taunay nada fez em materia de philosophia, menos por falta de talento do que por haver empregado nas lettras o pouco tempo que lhe sobrava da politica e da administração. O dr. Sylvio Roméro foi amigo devotado e sincero admirador de Tobias Barreto. Possúe tambem toda a vasta cultura do seu tempo, é tambem germanista, muito preocupado sempre em dar combate ao positivismo, e tem-se imposto pelo esfôrço consciencioso com que trabalha. A sua obra já é grande, é mesmo enorme para o nosso meio. Bastaria citar a sua *Historia da Litteratura Brasileira* e a sua *Philosophia no Brazil*, para dar uma idéa da sua consideravel bagagem de auctor. — De Tobias Barreto, parece que o dr. Sylvio Roméro tomou o espirito de aggressão. Os seus artigos de imprensa fornecem prova disso: a sua dialectica é segura, sobretudo em questões de politica e de moral. O polemista, porém, é sempre ardente e sempre desdenha do adversário.

Póde-se dizer que Tobias abre a phase em que florescem agóra espiritos como, além dos srs. Teixeira Mendes e Miguel Lemos: o dr. Fausto Cardoso, o dr. Samuel de Oliveira, o dr. Clovis Bevilaqua, o dr. Pedro Lessa e não sei bem si mais alguns. Fausto Cardoso é um dos talentos mais brilhantes que tenho conhecido. E' pena que ainda hesite na escolha da róta a seguir e até do genero em que deve esplender em toda a pujança. Elle anda das altas questões philosophicas para o direito, da politica para as lettras. Hoje, parece que se sente mais poeta do que advogado. Advogado é que elle é á força. Como poeta, creio que viria a ser maior do que como philosopho mesmo. Como philosopho, tem trabalhos de merito incontestavel. Conheço-lhe uns artigos na *Revista Brasileira*, sobre philosophia da historia, realmente de um vigor, brilho e originalidade não communs. Sei que elle já

publicou em volumes muita coisa que é sufficiente para dar nome até aos menos modestos no solicitar caricias á fortuna. Mas, como poeta, elle tem lampêjos verdadeiramente admiraveis. Eu só estranho e só lamento que Fausto Cardoso não fique definitivamente com as Musas.

O dr. Samuel de Oliveira não me é tão conhecido como o precedente. Basta-me, no emtanto, o que delle tenho lido para considerá-lo como uma das intelligencias mais lucidas e mais bem preparadas da actual geração de pensadores.

O dr. Clovis Bevilacqua me é, talvez, ainda mais estranho do que o dr. Samuel de Oliveira. Parece que o illustre professor, a quem coube a honrosa tarefa de redigir o projecto do Codigo Civil, se tem dedicado, quasi exclusivamente, a questões sociaes e, de modo particular, a estudos de direito.

Do dr. Pedro Lessa, possúo felizmente o documento mais completo, sem duvida, de quantos me pudésem dar um perfeito testemunho da alta e vasta intellectualidade do illustre professor paulista: é o livro em que sob o titulo de — *E' a historia uma sciencia?* — deu em avulso o prefacio de uma traducção de Buckle. E' um trabalho erudito, conciso, substancioso, trabalho que se deve dizer digno de um sabio.

Aos que ahí declinamos, bem que se poderiam juntar alguns outros nomes de pensadores contemporaneos. A maior parte dos que poderíamos citar, porém, não publicaram, até agóra, obras de philosophia propriamente dita: são pensadores, mas não se entende que sejam philosophos: — assim como outros são philosophos, que não se pôde dizer que sejam pensadores.

E do meio de todos essés é que vamos ver como se destaca a poderosa mentalidade do grande cearense que é objecto destes artigos.

ROCHA POMBO

### O RIBEIRO AURIFERO

O humilde ribeirão, que alli serpeia,  
Corre entre frágas, sobre um leito d'ouro.  
Vê-se embaixo, no estreito sorvedouro.  
Tremeluzir a fascinante areia.

Ha um seculo, a rústica bateia  
O homem maneja e explora este thesouro,  
Catando o pó maravilhoso e louró,  
Sob a agua azul, que docemente ondeia.

Rios immeusos, que inundáes florestas,  
O humilde ribeirão de aguas modestas  
Não vos inveja o leito vasto e fundo!

Elle possúe, no claro alvéo guardado,  
O metal deslumbrante e cubiçado,  
Cujo brilho solar domina o mundo!

LEOPOLDO BRIGIDO

### A LIVRARIA

AS RELIGIÕES NO RIO — JOÃO DO RIO  
(PAULO BARRETO) GAZETA DE NOTÍCIAS — EDITORA.

Terriveis razões, razões materiaes ainda concedem que eu chegue a ponto de adherir ás festas que toda a gente mais litteraria, menos litteraria esfoquêteou em honra das *Religiões no Rio*. Deste livro, foi dito, preciosamente, — desde a notação gratuita do noticiario elegante até á secúra solemne, qualquer coisa bizarra, dos psychiátras, — quanto era justo, quanto era certo dizer para que esse infatigavel successo de livraria e de critica ladeásse o dos *Sertões*, o da *Chanaan*, o do *Luzia-Homem*. Considerou-se, num formilhar d'applausos, o que esse livro assume de originalidade, de inédito na pesquisa, e de simples scintillante na factura. E, como quiz, sem excesso, sem immodestia, a modestia do prefacio, em que a graça tem requintes, conviêram em que se tratava méramente de um trabalho — extraordinario — de reportagem. E não ha duvida. Bem foi uma reportagem — que remexeu, com solicitude e ancia, antros e templos, salas claras de fé e escuridões temerosas de feitiçarias. Mas, no Brazil, onde, não raro, a imprensa, sem falar na columna *leader*, se estira e desanima no réles das *partes* policiaes, e se faz repartição publica em que os funcçionarios gosam e amollêcem na preguiça cynica do trabalhinho manso da *cosinha*, sem mais ambição que a do *vále*, sem mais gloria que a salário — isso, vinha eu a pensar, que João do Rio commetteu, com um estranho escandalo de brilho e um violento irradiar de popularidade, é, com effeito, mais que reportagem, e não é, emfim, menos que um surpreendente esforço de observação, de raciocinado estudo, esvahido de paciencias intrépidas, illucidantes, tendo como dever o zêlo da verdade e, como prestigio, a tessitura resplandecente do estylo. As revelações, quasi inverosimes, por vezes febricitantes, não faltou o documento, a precisão — a rua, o numero da casa, o nome dos chefes, dos papas, dos doutores. E tudo isso, que podia parecer uma *phantasia*, um mesmo embúste, um mesmo encanto, alojados na imaginação, na desconfiança do povo, desencantou-se, affirmou a realidade. Não é, de resto, sómente um livro de reportagem esculpida na ancia, na coscuvilhice inconsiderada do *reporter*. E' demais disso, um livro de litteratura exacta, estou a dizer opulenta pelo maravilhoso de emoções que recólta, de imprevistos extasiados, de qualidades em que colligam excellencias de primor numa obra que á

ficção preferiu o facto, e ao facto entalhou suggestões persuasivas, ornamentaes de fórma. E, para lançar o raro bello nessas trezentas paginas em que o escandalo galga a curiosidade afflictiva de referir, sem espancar crenças, sem aggreir superstições, umas coisas inconcebiveis, não precisou o mais elegante dos nossos jornalistas mundanos de entornar uma série de philosophias. Apenas, vindo a orientar e levar o leitor ao entendimento das complicações religiosas que alastrou, deu, aqui e alli, as origens, os fundamentos, a meia historia das seitas, dos ritos, das tragedias e comedias através dos quaes o mais ou menos sobrenatural fluctúa e fascina. Por leve, passageira, superficial, em que se marcou a indagação de João do Rio, ella não deixa de ser erudita e consideravel. Ha capitulos — os maronitas, os positivistas, os baptistas, os phisiolátras, os satanistas, etc., — que são resurgencias de cultos, de esplendores antigos, evocações soluçantes de bondades veneraveis, de exaspêros, de bestiaes delirios, que se impõem e se repassam na alma do artista de geito a penetral-o dos mesmos sentimentos, das mesmas santidades de fé, dos mesmos impetos d'ideal. As religiões reveladas, revelaram-me esse lado suave do seu espirito, essa condição em que se não sobressaltam as idéas alheias. Paulo Barreto, que ha trez annos não dava um amor, um affecto, e era um nervoso dentro da sua arte e um espiritual dentro do seu orgulho, e não sabia quem era o vice-presidente da Republica. — João do Rio, com a graça de Deus, já hoje, sendo até político, e quasi amando, considéra o sentir do proximo — a antiga bêsta — e ainda o transmite, sentidamente, com a mesma sinceridade, a mesma fé consoladora! Por isso, ninguem, como eu sobretudo, deixará, depois do que elle nos conta, de ver qualquer forte porção de meigo heroismo, de supplicante ternura, de esperança resignada, ou na propaganda positivista ou na lamentação dos maronitas. Ainda nesse ponto, tomando todas as côres, gosando todos os ambientes, elle váe no rumo de ser uma perfeição de jornalista. A *Gazeta*, certa nas suas tradições, ha dois annos, arrumou no seu *stock*, mais essa revelação radiosa. A mim, porém, é que não o revelou. apezar do seu prestigio. Eu o conheço desde o tempo em que da *Cidade do Rio*, Paulo Barreto me informava do seu admiravel talento. Depois, no *Correio Mercantil*, dirigido pelo dr. Virgilio Brigido, que o recebeu quando a imprensa, a *Gazeta* á frente, lhe não dava nem *hospitalidade*, nem *ruido*, en tive, mais de uma vez, de reconhecer não só uma capacidade intellectual, mas tambem uma prodigiosa capacidade de traba-

lho, nesse escriptor, já scintillante, erudito e original, capaz de tudo, escrevendo tudo, mesmo, e superiormente, cartas veridicas de Pariz. Paulo Barreto era, então, um malquisto, um malsinado.

E, do seu lado, era um demolidor porque era inteiramente um artista. Devia, pois, só ter para os gloriosos logares communs da nossa gloriosa litteratura quotidiana, aquelles mordentes, aquelles recortantes e recortados adjectivos que num primor de raiva, conduziam sátyras rútilas, brutaes, sátyras esquerdas de tortura contra o povoado litterario, que não se convencia e já agóra, em reverente préssa, se convence da scintillação desse artista.

.....

Que eu, afinal, só quiz, na lavra desta noticia, triumphar na realidade desse triumpho; só quiz, na confiança delle, reviver contrastes sobre a infinita delicia d'outros... mais amaveis.

\* \*

RELATORIO SOBRE OS CRIMES DE NOVEMBRO, APRESENTADO PELO DR. A. A. CARDOSO DE CASTRO AO SR. MINISTRO DA JUSTIÇA—IMPRESA NACIONAL.

Acima falei, alegremente, de revelação; falo, de novo, agóra, não alegremente, mas escandalosamente alegre. A revelação não é da *Gazeta* — é auto-revelação. Magistrado, talvez jurisconsulto, publicista, o chefe da policia revelou-se, num passe maravilhoso, um maravilhoso litterato.

Os succéssos de novembro, que eu ainda abomino, á memoria de um grande sústo, deram, apesar da má seimete, esse fructo bom, dos mais raros neste paiz, em que, até ao dr. Cardoso de Castro, exclusive, o officialismo era illitterato.

E', pois, a primeira vez que, numa coisa — quero dizer — peça official, e sobretudo policial, súrge um escriptor. Fui á historia, á chronica, ao dr. Vieira Fazenda, ao Instituto Historico, e, depois de bem investigar e considerar, não me foi possível topar, em outros *annaes*, uma tão forte fibra de litteratura na policia, desde os tempos policiaes da Independencia. Não só de litteratura, mas, positivamente, de rebrilhante e solemne philosophia. E' mais um lado da revelação... destes *Annaes*.

Mas, a despeito desse *furo*, através do qual se vêem, mexendo e formigando, cellulas philosophicas de incalculavel poder, não chega até ahi o meu espanto, o meu terror deliciado.

Porque entre criminosos, entre crimes, a philosophia é um nervoso, é uma qualidade obrigada por simples e natural associação de idéas. Sobre o

estyllo do relatorio é que eu pasmo, é que a minha impressão é incontavel. Pensei, profundamente pensei; e, ao cabo, assegúro que o dr. Cardoso de Castro é, por um lado, shakspeareano, e, por outro, bocageano. Como quer o tragico, elle tem para a peor idéa a peor palavra; e, segundo os versos do comico — o poeta predilecto — não sáe deste conselho:

*Com a materia, convém casar o estylo;  
Levante-se a expressão, se é grande a idéa;  
Se a idéa é negra, a locução negreje;  
E tenue sendo, se attenue a phrase.*

Feito, lançado nesta altura de regra, o relatorio é, completamente, um serviço memoravel. O exórdio é temeroso. As palavras agarram-se, teem chóques, teem syncopes, vertigens de luz, e lançam, por fim, estampidos... de uma coragem reveladora do perigo em que andou o *regimen institucional vigente*, sob o maior alarma social que tambem pôz em risco imminente a vida, a propriedade e a honra dos habitantes.

Até ahi, Bocage. O estylo enfeitase de citações em linguas festivas. E' o seu lado fidalgo. Escreve de um telegramma para um jornal de Genova, cujo texto, mais ou menos apprehensivo, lhe chega ao conhecimento já traduzido para o inglez — idioma em que o nosso adoravel confrade pontifica. Outra revelação... E não é das menores — a originalidade critica do interessante artista, váe por ordem numerica:

1.<sup>a</sup>—critica da attitúde do presidente Rodrigues Alves, em honra do qual os adjectivos queridos de um bravo general se esgóttam violentamente. O illustre escriptor delirando soberbamente, numa aberração de fórma olympica, iniciou um processo muito moderno de praxes: o presidente é elogiado; o presidente, depois de 15 de novembro ultimo, é um subalterno do chefe da policia;

2.<sup>a</sup>—originalidade: esta é philophica e profunda — a Escola Militar, de marcha para o Cattete, ia deitar a Republica nos braços da Monarchia.

*Plaudite!*

A *Gazeta*, que revelou o jornal barato, léve, commodo á intelligencia e á bôlsa, e tem sido uma reveladora de mentalidades, me perdôe a concurrencia.

O novo candidato á Academia de Letras é um revelado seu, delle, e dos *Annaes*. E pois, meu Deus, bem se diz que não ha mal que não traga um bem... Recebemos, com o relatorio que nos mandou o nosso confrade, um massiço de sabedoria — por um lado, a jorrar philosophia, e, por outro, a espirrar estylo. A brutalidade dos succéssos deu um escriptor.

O dr. Cardoso escriptor...

WALFRIDO

## A RUSSIA

O vasto sudario de néve, que encobre os parques, os jardins da perspectiva do Néva e se crystalisa nas cornijas dos palacios imperiaes, está tincto de sangue do povo, resistindo, ferózmemente, á oppressão da *bureaucracia* parasitaria, formando, em torno do throno dos Romanoff, uma barreira sinistra contra o accésso das idéas liberaes.

O urso branco, domesticado a *knut* pelos jograes de uma farça de civilização christã, num impeto de nostalgia selvagem, quebrou os laços que o prendiam, arrancou a focinheira e arremetteu contra os seus algôzes.

Os échos dos factos se figuram aos ouvidos da Europa, attonita aos primeiros gritos do estertor da autocracia, e repercutem por toda a parte como tremenda lição aos oppressores, aos barbaros conselheiros, que aventuraram o prestigio nacional, leviamente, numa guerra exterior, e provocaram, no interior, uma convulsão revolucionaria, onde súrge ameaçadoras as reivindicações da Polonia, da Finlandia e dos milhares de martyres, que expiaram com a vida, em supplicios infamantes, loucos sonhos de liberdade.

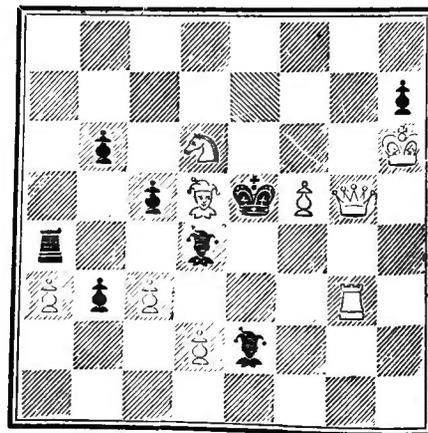
A politica européa assiste, assombrada, aos sangrentos combates, muito mais interessantes, agóra, que a situação das forças belligerantes na Mandchuria. Elles são o primeiro encontro formidavel de dois principios antagonicos, as tradições de resistencia tyrannica e os idéaes do povo repressados pela veneração ao Czar, desprestigiado pelo grito: Não temos mais imperador! Viva a republica!...

E o tufão alástra, levando á frente esse assobio terrivel que sáe dos labios do *pope* Gapon, como um grito soberbo de exterminio. O *pope* Gapon está ameaçado... de prisão; mas, elle prometteu ao povo abrir o caminho das liberdades russas.

Terá chegado o fim da santa Russia?

## DIVERSÕES

Problema n. 13 -- NEGRAS



BRANÇAS

As brancas jogam e dão mate em cinco lances.